DEVS PAN

JOSÉ DIAS SANCHO

RENASCENÇA PORTUGUESA

Ao meu caro Ivo

Cruz, como home-

nagem á sua Ar-

te e reconhecimen-

to pela sua cama-

radagem.

Of.ce

[illegible]

S. Braz d'Alportel

30 de out. de 1921.

DESTA EDIÇÃO FEZ-SE UMA TIRAGEM
ESPECIAL DE QUATRO EXEMPLARES
EM PAPEL DE LINHO, NUMERADOS DE
1 A 4 E RUBRICADOS PELO AUTOR.

DEUS PAN

OBRAS DO AUTOR

IDOLOS DE BARRO, 1.º volume (Albino Forjaz de Sampaio), Ventura Abrantes, 1920, Lisboa.

IDOLOS DE BARRO, 2.º volume (Júlio Dantas), Portugália, 1922, Lisboa.

A PAISAGEM, A MULHER E O AMOR, conferência, Aillaud e Bertrand, 1925, Lisboa.

DEUS PAN, contos rústicos, Renascença Portuguesa, 1925, Pôrto.

À SAIR:

VIAGENS, ARTE, MULHERES, crónicas.
ÁRVORE DE FOGO, novelas.

JOSÉ DIAS SANCHO

DEUS PAN

CONTOS RÚSTICOS E PAISAGENS

EDIÇÃO DE
A «RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO

A Pan, Deus dos gregos, eu ofereço êste livro pagão.

Sôbre a tua ara de cheirosa-terra, Pan, Deus luminosa e sempiternamente verdadeiro, eu disperso estas páginas coloridas, como um braçado de flôres...

Que o húmus, procriadôr divino, lhes dê o alento que minha Arte não poude dar-lhes, e de todo as impregne, num abraço estreito, dêsse sagrado perfume que é, nos campos, a exalação sensual da terra mãe!

O RELÓGIO DA JUNTA DE PARÓQUIA

UMA grave inquietação toldara a paz da aldeia, naquele setembro calmoso, já as vinhas estavam sem uva e o figo aguardava nas arcas o ajuste do mercadôr: a Junta de Paróquia ia comprar um relógio para a tôrre!

Quatro anos, quatro longos anos de vexames fiscais, de usura, de malquerenças, de quimeras, de segredos, para ao cabo (diziam os pagantes) tudo se sumir na voragem de Lisboa em troca duns ponteiros! O azedume era grande entre os políticos do sítio. Uns defendiam do coração a iniciativa; outros (os que esperavam tomar o

novo mandato), a poucos dias das eleições, gemiam por vêr que êsse capital desaparecia sem realçar o brilho da sua própria administração.

Jornadas inglórias foram essas das vindimas em que já pelos lagares se discutia com malícia o inopinado gesto. Alguns lavradores profetizaram, a propósito, tristes dias ao país, encostados às dornas e aos valados, com a mágoa de quem vê chegar de chofre a torva cavalgada de irremissíveis males.

Olhares subtis luziam sob a aba de chapéus bragueses. A um estranho pareceria que toda a população, entregue a conciliábulos e a atitudes duvidosas, planeava qualquer crime monstruoso.

Corriam vozes exaltadas nos grupelhos das esquinas:

—Cambada! Gastam em luxos o dinheirinho do povo! Gastam o dinheirinho do povo!

Ouvindo isto, perplexo, o povo não queria que lhe gastassem o seu rico dinheirinho... Todavia, insinuações e murmúrios apenas conseguiram dar à Junta a terrível

popularidade que em coisas de política mais ateia as paixões do que mata os enredados pleitos.

Num ardente ditirambo de vinte linhas à maravilha do Progresso, o jornal do concelho, semanário facundo e independente, aludia à iniciativa, elogiando-a francamente.

Esta opinião foi um arrimo gostoso para o atribulado Zé da Clara, presidente da corporação administrativa, cabeça de turco de todas as exprobações e censuras. Mas pode-se calcular o escândalo que produziu a notícia de que o autor do quente panegírico ao Progresso era o Carminho Dias, mestre-escola e secretário da Junta!...

— Ali andavam fins inconfessáveis! declararam todos à uma... Eles lá o sabiam. Eu, por mim, nunca o descortinei...

O que é de pasmar foi o faro dos cães políticos que deram com a marosca, — oh céus! ai da instrução pública! — guiados pelo rasto obscuro de alguns erros de gramática!...

Zé da Clara praguejava:

— Um raio partisse o Zé Bento corticeiro mai-la tropa fandanga que lhe fazia

as eleições! Êle, Zé da Clara, Presidente da Junta de Paróquia, (com muita honra, não devia nada a ninguém!)—e esbracejava apoplético debaixo das latadas do quintal, esquecido das pipas que andava a enxagüar,—ainda podia bem com toda a choldra e nem êsses, nem outros, lhe haviam de fazer turvar o siso!

—Era corrê-los, ora adeus! aconselhou o Carminho que confiava nas urnas do círculo. De ingratos estava o inferno cheio... Era corrê-los, compadre!

Mas Zé da Clara movia-se com desânimo, volvendo à labuta em busca de confôrto.

Por entre as latadas rompeu o Pereira boticário, resfolegando, como um tufão.

—Meia coluna no *Noticias!* A Junta nos paus da lua! Um sucesso, meninos!

Tombou sôbre o tampo dum barril, sem serenidade para mais. O Carminho arrancou-lhe o jornal das mãos e com avidez exultante ficou-se a ruminar a prosa.

—Leve-os o diab'alma! rugiu o Presidente. Arrebento se me não lêem o que vem no papel!

O Secretário, solícito ante o estrondo do

berro, apressou-se a soletrar a local amiga, dando às frases o tom de pregão com que soía declamar as actas.

— De escacha, meninos, de escacha! comentava o Pereira delirante. Caramba! Sempre é bom ter gente grada no partido!

Os dois naipes do baralho político da aldeia tiveram um gesto de surprêsa.

— Ó Pereira, pois tu sabes...? fez o Presidente em alvorôço.

— Pudera não! Pois está visto!

Mediu primeiro o efeito da ousadia; depois asseverou:

— Aquilo é do Matias!

O Matias era, desde há anos, o agente da gazeta. Foi uma luz nas trevas.

— Amigo às direitas, aquele Matias!... Amigo às direitas...

Zé da Clara coçava a cabeça, gesto que indicava nele funda preocupação.

— Ó Joana! gritou.

A consorte, desembaraçada e nédia, achegou-se limpando as mãos ao avental. Joana era uma espécie de patrona da Junta, queria-lhe mais do que às meninas dos seus olhos, ou do que à mãe que inda era

viva! Leram-lhe tudo. O mestre-escola acrescentou mesmo, de pupilas no jornal, algumas lisonjas ao marido, e foi isto o que mais fundo lhe boliu no coração: o seu homem já andava pelas gazetas, era na sua terra uma pessoa importante, e até os da cidade alguns favores lhe deviam! Desentaramelou a língua. A lembrança de que o refogado se lhe queimava veio arrancá-la a enlêvo tão doce, precisamente quando mais forte a sua oratória brilhava fustigando com os nomes peores a cambada que assim do pé para a mão se permitia meter bedelho na vida do marido...

—Manda-me cá a moça! pediu-lhe Zé da Clara, largando a falazar de ânimo alegre, enquanto subia a um escadote e se dava a vindimar o parreiral.

Carminho Dias, pensativo, chupava um escasso cigarro de onça entalado entre os dedos amarelos do tabaco.

—Chega-me o balaio, rapariga! gritou Zé da Clara contente para a criada que vinha. Abençoado bago!

E colheu um cacho vermelho, sorrindo de puro enlêvo.

A moça esgueirou-se, muito lampeira, pelo empedrado da rua.

—Seu Pereira, você contenta-se com pouco! resmungou o mestre escola ambicioso, vendo o outro embasbacado no jornal. Letras são tretas, amigo. Domingo que vem, muita festa, palavrório, sim senhor... Quinze dias depois—fogo viste linguiça!—já ninguém cuida em tal!

Zé da Clara estacou na faina para garantir, com a imensa autoridade da sua pessoa de Presidente, a forte razão do compadre.

—Verdade, verdadinha, lá com os seus botões êle entendia que se não devia mexer nos fundos da Junta sem exigir dos outros a compreensão dêsse largo sacrifício... Mas deixar a massa para govêrno da gente nova, co'os diabos, também não era de convir!... Estava o dianho a questão!

Tratando da sua terra, cumpriam o seu dever, mas, bolas! o seu trabalho era um bom exemplo e tornava-se preciso que todos pusessem ali os olhos como em lição de proveito.

A rapariga trouxe a cestinha. Perorando, Zė da Clara desceu a escada com vagares de obeso, pô-la sôbre a parede do alegrete e ageitando-lhe no fundo uma camada de fôlhas verdes aconchegou-lhe em cima os mais formosos cachos. De mimosa, a cestinha de verga parecia um açafate de flôres.

Contudo uma preocupação grave devastava a sua gorda face. Respeitosamente o Vogal e o Secretário da Junta guardavam silêncio diante da preocupação do Presidente. Os ladridos do *Peralta* ao cabo de lá da horta, ameaçando um gato que na borda do tanque espreitava as rãs nos limos, foram por instantes os únicos rumores que perturbaram aquela pausa fecunda. De repente Zė da Clara desmandou uma palmada aos joelhos do professor:

— Tenho uma idea!

E mudando de tom, virado para a criada:

— Chega à loja do Matias e deixa-lhe esta alembrança, que lhe mando eu!

A moça tomou o cesto de vime e partiu badalando as saias.

— Bota-lhe um pano por riba, ouves? Olha, diz-lhe lá que estou muito obrigado por tudo! Muito obrigado por tudo, hein?

— Afinal, qual é a idea? desfechou o Carmo impaciente.

O Presidente alargou os braços, ainda com a navalha aberta na mão esquerda:

— Eu cá entendo que a coisa se resolve assim: vai-se a uma pedra, escarrapacham--se-lhe os nossos nomes, e pranta-se por debaixo do relógio!

— Carepa! Fina idea! deslumbrou-se o outro. Uma lápide! Está dito, é barato e *para pêras!* E êle que estava a pensar naquilo! Já não ganhava nada! Toque êstes dedos, compadre Zé da Clara!

Apertaram-se as mãos com emoção. O boticário, alvorotado, grunhia de entusiasmo. Assim ficou ali desde logo assente lançar a mais nas despesas da Junta (estava reünida a maioria) a lápide que havia de levar à posteridade surpresa a fama de tão ilustres nomes.

Diante dum decilitro, Carminho Dias tomou solenemente o compromisso de lavrar a respectiva acta nessa mesma noite. Era

questão de atrasar a data: na semana finda não tinha reünido a Junta. Uma sessão de efeito retroactivo... Assim se mostrava ao povo um especimen de administração honesta!

—È de arromba! È de arromba! ribombava o Pereira esfregando as mãos de contente a caminho da botica. E como o regedor cruzasse em direcção oposta, lançou-lhe com desplante um olhar de mofa,—o olhar mais brincalhão e mais pedante de que eu tenho memória em toda a minha vida!

*

* *

A festa fora anunciada para um dia de domingo. Gregos e troianos a esperaram com mal disfarçado interêsse. A alvorada foi um primôr. Muito renitente seria o sono que resistisse a rumôr tão festivo. Era um estrondear de morteiros que abalava os prédios até aos fundos alicerces. A filarmónica do concelho tocou às portas dos

membros da Junta, em cumprimento, quando correu três vezes as seis ruas da aldeia. Garotos corriam em busca das canas dos foguetes, compondo mômos à frente da música. Rostos curiosos e ensonados assomavam pelas gretas dos postigos.

O dia nasceu claro, com um lindo céu de romaria a flamejar sôbre os montes. Repicavam sinos. Dos campos e da serra, dispersos pelos caminhos, levantavam-se ruidos,—na serenidade bíblica da manhã clangorava a sinfonia do sol alto, onde se entendia o tropear das alimárias pelos cascalhos e as gargalhadas das raparigas caminhando aos bandos. Toda a paisagem exalava um perfume ingénuo, uma ingénua ternura de Domingo aldeão.

Dia grande de festa era aquele, escolhido para consagrar a padroeira querida da freguesia, Nossa Senhora das Dôres! A terra enxameara-se de povo. Travessas e azinhagas vertiam na aldeia a onda rumorosa que depois de atravancar as poucas ruas, ia, de enxurrada, gorgolejar no terreiro, onde ficava o adro.

A lápide só na véspera à noite chegara.

A encomenda fôra tardia, e ainda se aventou a idéa de adiar a festa para dali a quinze dias, glorificando as feridas e o martírio de S. Sebastião. Mas o canteiro assegurara o acabamento da obra, e de facto ela ali estava encostada à porta verde da sacristia, de face para o largo. Pena fôra demora tão grande! Em tão pouco tempo era impossível colocá-la por debaixo do relógio, onde a tinha gloriosamente imaginado o sonho do Presidente.

Os campónios, pasmando diante da pedra cheia de letras e ramos, tomaram-na—os simples!—por lousa de campa rica.

Carminho Dias viu em perigo o sucesso da làpide: ninguém sabia lèr! Amargurado, procurou consolação nos copos...

Dali a pouco já bramia, com um rumôr de bebida má a encher o terreiro:

—Corja de analfabetos! Devia de haver contribuição para quem não sabe ler!

Mas como era mestre, por esmola, chorando ainda a mingua de instrução, (mesmo por orgulho, vamos lá) sempre foi decifrando aos basbaques a famosa inscrição:

Relógio
Mandado Adquirir
Pelos
Beneméritos Da Junta
De Paróquia

José Francisco da Clara
António Martins do Carmo
Joaquim do Nascimento Pereira
José Nunes dos Santos
João Soisinha.

A veia oratória inchava-lhe desconforme. Era já uma torrente, um Niagara verborreico, aquele caudal palavroso onde a Pátria, a Junta e os Govêrnos contrascenavam na quadrilha nacional a par de vistosos símbolos e de palavras plebeias cujo sentido forte era pouco duvidoso... Mas no melhor, o discurso quebrou-se... Mal empregado vinho! Um urro formidável secou-lhe a fonte oral... E curvou-se para as botas. Quando se ergueu, apoplético, arrematava desabrido:

—Má raios partam o regedor! Há de ser sempre a minha sombra... Devo-lhe todos os calos!

Além de único sapateiro da terra, êste regedor notável passava por ser, ignòbilmente, — um adversário político...

*

* *

A festa na igreja revestiu-se de pompas. Entre a solfa do harmónio e o arrastar do cantochão, o prior fez um sermão eloqüente, silva poética onde em tropos complicados falou da beleza e do civismo do largo gesto da Junta.

Zé da Clara, grato por tão boas e doces palavras, pagou-lhas nessa tarde com um garrafão de vinho branco, fama da sua adega quinze léguas em redor.

Homens barulhentos comiam e bebiam numa barraca a meio do terreiro. À quina da igreja um tôldo protegia do sol os «ramos» de Nossa Senhora expostos sôbre uma mesa engalanada onde se vendiam comemorativas fitinhas de côres.

Os «ramos» são bolos complicados, pães

de ló de capa loira arrendados de açúcar, com ares vagos de castelos roqueiros ou de exóticas montanhas russas, sempre adjudicados a quem mais der em benefício dos santos... Pela sua ostentação destacava-se entre os «ramos» dêsse dia o da Mariquinhas Clara, sobrinha de Zé da Clara, (o Presidente não criara prole), e «juíza» formosa da festa: em cada torreão da massa de ovos, sustentada por uma canazinha polida, flamejava meia libra em oiro.

Na barraca dos petiscos o jubiloso tio pagava geropiga e oferecia charutos.

— Vá lá à sua saúde, vá lá à minha! Era emborcar como num tonel! A cinta desenrolava-se-lhe teimosa, a cara afogueva-se-lhe ao rubro...

Quem não estava contente era o regedôr:

— Relógio onde toda a gente se guia pelo sol! Não está má novidade! bexigava, invejoso, pelos grupos falazantes, querendo arranjar pelo ridículo um «par de botas» que destroçasse os inimigos. Mas Zé da Clara, do alto do seu prestígio, entendia, e muito bem, que não devia dar ouvidos a balelas...

Assim a tarde foi correndo soalhenta e ruidosa.

Pela fresca, a procissão saiu. Nossa Senhora, sôbre quatro ombros vigorosos, andou mostrando às raparigas endomingadas que namoravam das janelas, o peito trespassado pelas sete espadas da sua dôr de mãe, entre as alas de povo descoberto, com a bondade imensa e indiscritível mágoa do seu rosto pálido de santa.

A tarde, muito curvada e triste, fanava como um girassol,—com saudades da luz.

Sùbitamente a noite armou sôbre a aldeia um rico baldaquino de seda azul e oiro onde tremiam estrêlas faülhantes e um saveiro de prata vogava carregado de luar.

Acenderam-se tômbola e bazar. No corèto improvisado a filarmónica atacou um alegre paso-doble, e a multidão bateu o terreiro de lés a lés, na preamar da vigília, barulhou, riu, brigou, até à derradeira fulguração do arraial nas rodas de fogo de artifício.

Já o novo relógio badalava a meia-noite com a alta gravidade do seu saber, quando o povo debandou por entre os mastros colo-

ridos e os gasómetros sem luz. A música soava no extremo da aldeia, na volta da despedida.

Zé da Clara e os «seus», com uma saudade a que as libações punham uma nota muito terna, achegou-se ainda à pedra imortal.

— Devem-no a mim! não se cançava de clamar, espalmando a mão com fôrça na táboa rasa do peito, referindo-se ao relógio. Devem-no a mim e a vocês! Os tansos! Deixem-nos falar!

O gordo braço pesou sôbre os ombros do Carmo, buscando um falaz arrimo. Congestionado e mudo o Pereira porfiava contra o vento na gana de acendêr com fósforos maus um mau charuto.

A tinta espessa da noite apagara no largo todos os vestígios do arraial. Só da casa do prior um raio de luz se escapulia junto à soleira da porta. Carminho Dias socorreu o boticário com um acendedôr, e o tabaco incendiou-se alfim num lumaréu que esclareceu as paredes.

À vista súbita da lápide, o Nunes, vogal da Junta e distribuidor dos correios devido

à grada influência do Presidente compadre, deu um berro de gôzo:

—Viva o relógio da Junta de Paróquia! Viva o nosso rico trabalhinho!

Estrugiram aclamações que se prolongaram nas arcadas da igreja, e o hino da Maria da Fonte, toada de liberdade e de guerra, veio coroar o triunfo dêsse dia imorredoiro com a emoção fremente do alcool e da vitória:

—Viva a Maria da Fonte,
A cavalo e sem cair...

*
* *

A junta de Paróquia, sinédrio respeitável, pedra angular das liberais instituïções, ao outro dia de manhã era arrastada pelas ruas da amargura, enxovalhada, escarnecida, maltratada,—farrapo de vaidade a que todos limpavam os sujos pés.

Êsse «incidente político» (vá lá a expressão querida do Carminho) ameaçava sèriamente a decantada integridade do partido.

Mão misteriosa fôra à inscrição e apagára-lhe uma letra, uma letra apenas, mas essa modificação minima sùbitamente transmudara a espectaculosa embófia na mais pungente sátira.

Massa de cré cobrira o *R* de *Relogio* e assim o gracioso desconhecido forjára a palavra *elogio*...

Vejam como ficou a lápide da tôrre:

elogio
Mandado Adquirir
Pelos
Benemeritos da Junta
de Paroquia, etc....

Davam nove horas pausadas, discorria Zé da Clara em mangas de camisa, com a Junta convocada para reünião extraordinária debaixo das latadas do seu quintal.

Toda a assembleia era unânime em deitar as culpas ao sapateiro regedor. Jeremias não se lamentou mais fundo diante de Jerusalém.

—Um golpe de mestre... Pandilha! Quatro anos de administração feroz le-

vara a Junta para conseguir o malfadado relógio, e bastava que um mariòla comesse uma letra na face duma pedra, para que tantos càlculos, tantas ambições, tanto trabalho ingrato, viessem a dar no mais vivo ridículo!

Carminho, que passava por fértil em ideas, barafustou numa raiva:

—Ah, foi o regedor?... Pois não lhe pago as botas!...

É muito possível que lhas não tivesse pago, que era de resto o que fazia a toda a gente. Quanto à lápide (disseram-mo há dias) removeram-na a ocultas para o cemitério da aldeia onde se dá hoje ao luxo de fingir de mesa de autópsias...

MANUEL TOMÉ

ORA se conheci o Manuel Tomé do Serro! Parece eu que o estou vendo... Um homem forte, vermelhaço, corrente grossa no colete!

Aos domingos, era certo na venda do Zé do Brito, camisa de linho, jaqueta nova, todo luzidio da pingoleta.

Falava de mundos e fundos, emborcava da rija como um valente, e, se adregava fazer negócio cheio, parecia o rei do reino!

Era uma perfeição ouvi-lo discorrer sôbre os alagares e as vindimas. Sabia do seu ofício, lá isso...

Lavrador farto, (só prà lavoira três pa-

relhas), o excramelgado ajuntara uns vinténs com a corcha do Alentejo, e, metendo em conta umas courelas que a mulher herdou para as bandas da Barracha, bem se podia garantir que era a sua uma das casas mais aquelas da freguesia.

O Manuel Tomé! Valha-o Deus... Não conheci eu outra coisa!

Bastas vezes tive geito de lhe falar, e sempre com prazer lhe apertei a mão calosa dos amanhos.

Ainda não há muito (faz agora pla Senhora das Dôres um ano...) que o topei à porta da botica.

Estava de posse dele o Tomazinho da loja por via das eleições. Mal deu com os olhos em mim, Manuel Tomé, todo fèsteiro, saiu-me logo à frente, com a franqueza da sua cortesia. Para se livrar de apertos não vi homem como êle! Tinha sempre uma pilhéria para contar a tempo, um negócio à ula-ula, um amigo que era preciso abraçar como quem mata saüdades de dez anos...

De paródia, acompanhei-o ao adro da Igreja: êle ia à missa cumprir as leis da

Fé Cristã; e eu seguia na peügada de certa moça airosa que me desvairava de cio...

Veio à baila a falta de água nas noras; a colheita pobre; o milhinho serôdio que entrava de espigar. Ah, tinha um coração de pomba aquela carcassa rude!

Deus o conserve em sua santa companha! Nunca a religião lhe mingüou, nem a caridade pra com os pobres de Cristo.

Não era de exquesitezas. Muito franco, muito amigo do seu amigo. Acanhado de entendimento, um pouco, talvez, mas a gente, está visto, é com'aquele que diz: eu nasci na bondança de Deus com'os sobreiros ma-los bácoros!

No Manuel Tomé havia uma coisa, sôbre todas, que muito me agradava: aquela maneira de rir, às gargalhadas,—saudáveis como nunca soaram em povoado grande.

Amachucava-nos então os ombros em rijas palmadas de contentamento, todo se desmanchava na atarracada arquitectura do corpo, numa expressão de alegria que era a página mais viva do seu pitoresco. As vigilias e cavalhadas da freguesia corriam quási todas com a ajuda do seu bôlso. A

Virgem seja louvada! Para padres e festanças nunca lhe faltou dinheiro.

Nem pràs fêmeas, verdade seja...

Apesar dos cincoenta, as suiças grisalhas e a caraça papuda não lhe tinham roubado a cara de macho saudável.

Via-o o sol de manhã à noitinha na lida dos campos, mas o seu arcaboiço ainda se amostrava direito e duradoiro como a tôrre da Igreja.

As moças vadias do sítio chupavam-no como bichas. Mais uns sapatos, mais uma saia... Mas Manuel Tomé tinha muito de seu, e, quanto aos pecados, desquitava-se para com a Divina Madre festejando o santo do seu nome em arraiais de brado.

Fôssem lá chamar-lhe bruto!

Dum passo dou em notícia que era o exemplo do homem.

Tinha o Tomé por conta uma tal Maria dos Anjos, dos Gorjões, quando a comadre Rita do Inácio se lhe prantou em casa a meter tudo no bico da companheira.

—Má raios partam a Rita do Inaiço, mai-la tua choraminga! Não m'arrenegues, mulher!

E foi-se ao cântaro a beber um cucharro de água.

Moída de ciúmes, a pobre barulhava remechendo as roupas brancas da arca.

Manuel Tomé, em mangas de camisa, ao uso do trabalho, enquanto migava o charuto de picar na palma da mão esquerda, atirou-lhe, de mortalha nos beiços, uma vaga consolação:

—Não é caso pra tanto arruído. Valha-te Santa Joana!

—Já não me queres! Já não me queres! Metes-te com as moças, já não me queres!...

E ainda desta vez Manuel Tomé se saiu bem com a sua lábia:

—Leve-te o diab'altra! Como queres que eu te conheça, diabo, sem te comparar com as mais?!...

Pois para êste homem rude havia um grande enlêvo: o filho.

O rapazola era um pobre diabo bronco e enfermiço; desperdiçara em crescer todo o viço que bestunto requeria.

—Pouco miôlo, não tem os cinco bem

medidos... era a voz corrente na vizinhança.

Zèzinho das Burras lhe chamavam no povo, troçando do seu destrambelho de homem.

Mas o pai não via mais nada no mundo. E para êle iam todas as canceiras, todos os mimos...

Levava-o aos mercados, comprou-lhe uma corrente de prata. Queria-o morgado rico, com grandes varjas de sementeira, e uma moça abastada que trouxesse ao casal algumas geiras de terra.

Mas o lôrpa, tímido, engoiado, olhando para todos com um ar de cão vagabundo, mal sabia dar água às mulas na pia do tanque, quanto mais requestar as cachopas atrevidas nos bailaricos da Venda Nova!

Pobre pai! Quantas, quantas vezes me falaste do futuro que para êle sonhavas, dêsse alto lugar de vereador onde já o vias como teu morto padrinho, que fôra a glória da aldeia!

Tinha fôrças para o ir ajudando, olá! Fôrças, dinheiro, e compadres,—era bom que se dissesse!...

Nessa grande vontade de o encarreirar, mandaste-o para a escola régia aprender as primeiras letras. Mas o que os teus olhos não viam, o que o teu coração não adivinhava, eram as chufas da moçanhada quando êle passava para a escola envergonhando, sôbre um gerico, os deslavados quinze anos.

Durou duas Páscoas êste inferno. Os meses tinham corrido, todavia, sem que uma luz de entendimento o ajudasse a soletrar a cartilha maternal.

Outros fariam seus exames, nanja o *Zézinho das Burras!* Não tinha queda para as letras...

Voltou com fundo desgôsto do velho à labuta da rabiça e da adega. Entrou a mercadejar pelas feiras, em gado, em cereais, em frutos secos. E, (cada um prò que nasceu!) nestas trocas baldrocas do negócio desempenou, ganhou saúde, peito largo e olho finório.

Desposou uma moça dos Juncais. Deu alento à casa com a ajuda de Deus e a experiência do pai. Certo dia, porém, a morte surpreendeu o Manuel Tomé no melhor dos

seus setenta, cinco anos depois da companheira,—morte suave e cristã que foi o bem ganhado prémio de tôda uma existência dada ao trabalho e às coisas de sacristia.

A mana do senhor prior foi visitar a nora do defunto:

—Coitado! lamentava ela. Ainda tão bem conservado!

Na casa amortalhada em sombra, onde os candieiros de quatro bicos fumavam, quási apagados, não houve um rumôr de mágoa entre os parentes de luto.

Só a voz do *Zèzinho das Burras*, lagrimosa, arrastada, se desprendeu dum canto, sincera na sua dôr, com apêgo à lembrança de tantos mimos, tantos conselhos, tantas farturas,—epitáfio saudoso da sua natureza simples, que lhe nascia d'alma sem cuidar se era ridículo:

—Ai meu rico pai! Meu rico pai! Por muitos anos que eu viva já não tenho um pai com'àquele!...

A essa hora, aos solavancos, lá ia a tumba do Manuel Tomé sôbre os ombros

rijos de quatro campaniços, a caminho da vala.

E atrás seguia o bando exíguo dos amigos, como uma nódoa negra no corpo branco da estrada...

O FEITIÇO

O velho dera-se a namorar a Isabel da Eira com grande falatório da aldeia!

Mal arribou ao cemitério o corpo da mulher, o negregado, sem temor de Deus nem do mundo, entrou a arrastar a asa às moças donairosas, não cuidando de idades ou de composturas!

Não perdia as missinhas do domingo, quando as raparigas vão ao adro na mira de escolher um par vistoso. Escanhoava-se a miúde, dava uso à jaleca nova, quási pimpão da viüvez.

Saia encarnada, olhos maganos, dentes brancos que lhe rissem, toldavam-no de todo.

Isto de viúvos, quanto mais velhos, mais tontos!

Ora o diacho do homem! Já para lá dos cincoenta, êste Chico Douradinha, se não fôssem as suíças picarças, fazia sombra aos rapazes!

Em denguices pràs mulheres, levava a palma ao mais pintado! Mas toda a gente censurava maneiras tão livres em pessôa de tal idade!

A pobre mulher, coitada, nem teve a adoçar-lhe a memória aqueles fingimentos de saudade que são o dever respeitoso de toda a gente de bem. Levou-a um fleimão mal curado, ainda ela, folgazã, cuidava viver um bom par de anos.

O Destino a Deus pertence, e assim Deus, na sua santa misericórdia, entendeu dever chamá-la à sua divina presença em sábado de Aleluia, que é dia muito cristão.

Deixou dois filhos, — duas saudades do mundo. O António, com dezoito anos, e já escravo da terra, como seus avós; e o Blé, pequeno ser enfermiço, oito anos escassos que eram o enlêvo da mãe, em vida, e do irmão. Mal a tumba a levou, na casa não

mais houve uma regra de viver, — roupa lavada, panela ao lume, ou palavra folgazã. Estava vazia e bem como que só. Lar sem mulher, é como inverno sem braseiro!

O viúvo andava tonto pelas moças, o filho mais velho, taciturno, moirejava nas hortas... O pequenino era quem mais sofria: choramingava às portas dos parentes, faminto e roto, adormecia nos estábulos, ao pé do gado, sem uma côdea de pão. Ninguém olhava pela sua saúde ou pelo seu sono inquieto. Não tinha mãe! diziam as vizinhas...

Pois é verdade! O Douradinha, mesmo viúvo e velho, achara alfim quem o quisesse por marido, — já os banhos corriam na igreja e a aldeia andava cheia daquelas novidades. A noiva era bonita, vinte anos floridos, mas como não há *sim* sem um *senão,* parecia que o seu defeito era gostar de qualquer...

Uma noite, poisando a sachola na pedra da lareira apagada, o António entrou de picar o pai:

— Um desafôro, co'os diabos! Ia em seis

meses que a mãe estava na cova, e já vinha para a sua casa dela outra mulher a gozar-se com o que a pobre ajudara a acarear!

Não se queixava p'lo herdamento... Deitando as contas, pouco mais teriam do que a panela do jantar! Deus lhe desse saúde, e saberia governar mal ou bem a sua vida! Mas... e o irmanito?!...

Esse tivera a má sorte de perder a mãi, agora tinha a sorte ainda pior de lhe darem madrasta!

— Cala o bico, destas coisas não entendes... Deixa isso com os mais velhos...

O António enfureceu-se:

— Já lhe disse, vossemecê bem sabe! Não é por mim... É por êle! Deus queira que eu cá me engane. Mas olhe que madrasta, o nome basta, raios!...

O pai acendeu o cigarro frouxo.

— De hoje em fora está dito, ó rapazola! Sou senhor da minha vontade, e aqui dentro quero respeito! Vamos às sopas...

— Ná, meu pai! Sou moço novo mas sei vêr as coisas! É preciso ter a bola manca

para arrecebêr a Zabel,—pra tapar com o nome do Douradinha a vadiagem da sua vida!

A vizinhança, inquieta, deitava mal daquelas brigas.

Uma noite o António fugiu ao génio do pai. O velho, cego de ira, atirou-lhe com a foice roçadoira que trazia nas mãos.

O rapaz desapareceu cosido com as moitas, para nunca mais voltar, ao contrário do que noutras bulhas sucedia, quando tomava a resolução de abandonar a casa, pois acabava sempre por tornar, muito humilhado, com a pena de deixar entregue ao velho tonto o irmão.

Fez-se o casório. Quinze dias depois a Isabel já dava escândalo público com um tal Mendes, das Mealhas, chegado há pouco das Américas, mas Chico Douradinha andava parvo de todo para que se pudesse apercebêr.

Blé tornou-se em casa um moço de recados. Magro e sujo, batiam-lhe pelo mais insignificante motivo.

Esta vida dura ainda piorou quando a madrasta deu à luz um filho.

Por êsse tempo o pequeno apareceu amarelido, o peito em cova, uma tossinha fina moendo-lhe o corpinho e escurecendo-lho as olheiras.

Sem se saber como, nasceu a versão de que a moléstia provinha de bruxedos, e o malefício não era de outrem, senão dela!

O povo tomou à sua conta a concepção de feio crime...

Havia quem jurasse que a lobrigara numa noite de Janeiro, ao dar das doze badaladas, na encruzilhada do Monte, com uma panela de cinza e de ervas ruins...

Êstes rumôres sobressaltaram o António vivamente, já com remorsos de não ter trazido o irmão consigo. A culpa daquilo também lhe cabia! Agora, estava perdido talvez... Quem no sabia? Em pequeno ouvira dizer que as feiticeiras chupavam o sangue das crianças, e compreendia claramente porque é que o irmão estava agora que metia dó, amarelo, magrinho, quási à morte!

Não se quis recordar de que, à nascença, êle viera logo enfermiço e ressequido. Só via na sua desgraça a mão venenosa da

madrasta roubando-lhe o sangue de noite, —a bruxa!—enquanto o inocente dormia!

*

*   *

Depois de muito considerar, resolveu-se a ir falar com o pai.

Uma tarde, tristonho e decidido, apareceu no «monte». Por sorte, a Isabel fôra ao poço, por água. Tanto melhor! Tinha-lhe mêdo! Á cautela, comprara na vila uma figa de chifre...

O velho estava sentado na soleira da porta e fumava. Na calçada, em frente, engatinhava um garoto e Douradinha olhava-o com aquele enlêvo basbaque que traz sempre à velhice o último filho. Blé estava lá dentro numa caminha, ao pé do borralho. Tossia fundamente. Esta tosse encheu de pavôr o irmão. Os feitiços enchem a gente do povo dum mêdo sobrenatural.

Pai e filho entraram de razões.

—Pai, deixe-o ir comigo! Peço-lhe pela lembrança santa de minha mãe!

Como o velho escarnecêsse da história

e ainda se pusesse do lado da madrasta, o rapaz transtornou-se:

— É meu irmão! É meu irmão! Tens que me dá-lo! Ela não o mata, não, por causa dêste... que não é teu! Pregunta a toda a aldeia... É do Mendes, meu tanso, não no guardes, que não é teu!

— Malandro! bradou o pai, desvairado de raiva. E atirou-se para dentro, direito à espingarda.

Então o António teve um repente: jogou mãos duma enxada que estava encostada ao algeroz, e gritou, diante da ameaça do pai:

— Atira-me, anda, se te atreves! Mata o teu filho!

A espingarda, dum pulo, procurou-lhe o peito, mas a enxada tombou dum golpe e o corpo do velho caiu bàrbaramente, alagando em sangue as pedras da calçada.

Um grito espantoso soou nas suas costas, um grito que o arrepiou como um malefício. Era a madrasta, que voltava, e deixando esbarrondar-se no chão o cântaro cheio de água e o balde que trazia do poço, clamava desnorteada, descomposta, doidamente:

—Aqui d'el-rei! Aqui d'el-rei que mataram o meu homem!

António deu-lhe um safanão, apertou, alucinado, a figa que trazia, correu à enxerga do irmão, ergueu no ar o fardozinho leve e desalvorou pelos campos escuros, entre oliveiras e trigais...

Os gritos, na baça tristeza do crepúsculo, desgrenhavam-se, lancinantes, e o assassino, desvairado, ofegante, continuava a correr pelas sombras, à tonta, sem saber para onde, apertando medrosamente contra o peito aquele frágil mòlhinho de ossos,—e cada tronco lhe parecia um monstro, e cada quebrada multiplicava ao seu redor o uivo espavorido:

—Aqui d'el-rei! Aqui d'el-rei! Aqui d'el-rei!

ESTRADA NOVA

NAQUELA serra distante, de ares lavados, e ribeiros, e fraguedos, certo dia apareceram engenheiros e construtores a deitar planos para uma estrada real. Tiraram medidas, formaram conselho, e lá se foram nas alimárias pelo vale ao diante, — arautos da Civilização naqueles descampados de cabeços e sobreiros.

Pararam a meio da encosta numa casa trigueira e pobre, para matarem a sêde. Serviu-os uma moça morena, olhos de amora, peitos redondos, num cucharro loiro de cortiça e largaram de longada sêrro acima, as patas dos machos a tropearem

nos calhaus. Caminharam ainda no recorte do monte, mas logo se sumiram para as bandas do Norte, já a tarde descia muito branda e muito triste.

A cachopa ficou de braços pendidos a sondar o horizonte de oiro. Perto, floresciam, vermelhas e agrestes, moitas fartas de sardinhetas. Passavam perdizes, aos bandos, procurando a ribeira para beber.

Entre o mato bravo assomou o vulto dum caçador,—terra moldada em figura humana, barba ruiva e intonsa lembrando os pastos queimados pelo sol com que os cartachos sóem entretecer os ninhos.

Vinha em mangas de camisa, o chapeirão braguês atirado para a nuca, a espingarda num sovaco, dois coelhos à cintura.

—Eh lá, ó dialho, pois que bicho te picou?

A rapariga contou-lhe o assucedido.

—Homens tinham andado a deitar estudos na courela do Zé da Palma, desde o pino do meio dia. Não atinava com aquilo! Se calhar, era por via das décimas... Boeram água e meteram a corta mato por li riba!

O labrostes ficou desconfiado, mas por fim rosnou para a mulher:

—Gente que anda na lida! Quem está, está; quem vai, vai. Toca à ceia, moça!

E, pendurados os coelhos, encostada a um canto a espingarda caçadeira, assentaram-se os dois diante dum tacho de milho com a fome vigorosa de quem de há muito anda arredio de males.

*

* *

Passado tempo, chegaram os cantoneiros. A estrada rasgava o coração do Algarve, cheia de pitoresco e imprevisto.

Amanhecia a primavera. O bafo excitante das resinas e relvedos, o céu pleno e azul, a flôr branca das urzes, que vestia os montes como uma túnica, a harmonia rosa dos aloendros em todo o fio da ribeira, davam à serra um aspecto de scenário, a grandiosidade dum mar coalhado em vagas coloridas.

Todos os dias a obra dêsses homens ganhava para o domínio da Cidade mais

uns metros de terreno: a estrada prosseguia monte fora, torcicolada, ruiva, caprichosa como um tentáculo que prende.

O serrenho encarou a labuta com maus olhos. A presença de estranhos tinha ali qualquer coisa de violação.

Querido da imensa soledade daquelas serranias, essa barulhenta vizinhança amargurou-o.

Mas a curiosidade impelia-o a observar.

Os grandes cilindros de pedra, o tinir das picaretas, as pragas, as histórias do mar, as lindas cantigas que todas aquelas bocas traziam de cór, foram trabalhando--lhe lentamente a alma esquiva, até que um dia se decidiu a aceitar tabaco em troca da sua caça.

Assim se trovou seguindo a faina alegre quási como um trabalhador do rancho, umas vezes prestando indicações, outras vezes britando pedra ou ajudando nos carretos.

Viu erguerem-se, um a um, os marcos dos quilómetros,—a que chamou *quilóstremos* na sua linguagem rude, — palavra a que ligou a ideia de grande extensão.

Entrementes a estrada avançava inexoràvelmente, léguas sôbre léguas, na ânsia de atingir as povoações, no sonho de domínio que a perseguia desde a Cidade, e o serrenho teve que voltar à paz do seu «monte» outra vez adormecido no silêncio da serra.

Roído de lembranças, só com a sua alma naquele descampado, entrou o demo de volta com êle. Pôs-se a considerar nas lindas coisas que o mundo tinha para vêr. E aquela estrada era um caminho largo para o mundo...

Lá abaixo, ao pé do Mar, ficavam as Cidades! As Cidades, onde todos, até os pobres, têm um ar grave de senhores!

O que fazia êle naquelas brenhas tristes? Prà'li estava, mai-la a mulher, como um azinheiro velho, à espera da morte!

Teve desejos de abandonar tudo,—o cevão, a tirada de corcha, o farto granzoal em flôr, que era um mimo para os olhos, —e abalar, caminho fora, peito feito à sorte, como ganhão.

A serra já não era sua! Só a alembrança da companheira e das esperas às rôlas, ao

romper do sol, à beira do Pego da Zorra, o fizeram voltar os olhos para a casa de adobe, com uma ternura tão simples que era quási um remorso.

A terra chamava-o!... Tinha ali deitado raízes como o chaparro que lhe assombreava a porta! De que modo poderia agora desgarrar-se sem dôr de alma dêsses montes amigos?

A estrada devia estar completa, porque em breve o silêncio bendito que tornara a reinar sôbre encostas e cumes se transformou na mais estranha sinfonia de ruídos,—automóveis, trens, carros de carga, deligências, récuas de muares, tudo isso começou a desfilar sôbre o macadam arruivado com as mil dissonâncias dum tráfego complicado e intenso,—pulsação brutal do coração da Vida através duma artéria larga.

Da chapada do seu monte via êste formigueiro de trabalho e ambições a agitar-se lá abaixo, na estrada nova. A Civilização desfilava, explêndida e triunfal, sôbre essa estrada do desencanto,—a estrada, a fita métrica com que o egoísmo enrola o mundo e o ata...

A sua natureza selvagem intimidava-se. Sentia-se um animal assediado no fojo. E disto lhe proveio uma tristura que mais parecia moléstia de morte.

Pensou em alevantar um casinhoto no sêrro dos Botelhos, longe dali,—ingénuo desejo de fugir àqueles rebates loucos de fascinação e timidês.

Esqueceu-se dos amigos da Cortelha, onde ia todas as quinzenas com o fato de vêr a Deus. A camisa engomada não mais saiu do fundo do baú, esquecida sôbre a mancheia de libras do bom tempo.

—Atracou-lhe a maleita, o que quere vocemecê que eu lhe diga? queixava-se a fêmea pesarosa ao lavrador da Barroca.

O lavrador, que desamarrava a égua do tronco dum medronheiro, largou de chalaça para o compadre, enquanto alçava a perna sôbre o albardão moirisco:

—Léve-te o diab'altra! Quando é que assomas no povo? Já não há quem te veja!

O serrenho deitou uma mirada torva à estrada nova, e desculpou-se na sua inocência lôrpa, esporeava o outro a égua, metendo à ribanceira:

—Algum dia faziam três léguas daqui à Cortelha... Agora fazem doze ou quinze *quilóstremos*, quem é que raio assoma à Cortelha?!...

E voltou-se para a serra que o crepúsculo assombreava como se quisesse alumiá-la com toda a ternura dos seus olhos...

O MILAGRE DE PANOIAS

NA tarde sonolenta e ensoalhada, um carro lento de parelha puxado a muares, movia-se estrada fora em direcção a Panoias, no descampado sombrio da charneca alentejana, agitando ao sabôr das depressões e relevos da via arruinada os frouxos cortinados da capoeira armada em telha colorida.

Nem um pássaro no ar; sôbre a crosta escura da planície nenhuma silhueta humana ou fumo ligeiro que indicasse casal.

O sol caía como metal em fusão sôbre a terra endurecida, onde mil bocas se abriam com sêde, e de todos os lados sempre

a mesma curva pálida do céu refulgia, cobrindo como translúcida redoma o grande círculo de ardózia da planície.

Policarpo Brasas, enervado pelos tombos do carro, deixava-se tomar pela sonolência daquele agosto abrasado, preguiçosamente estirado sôbre um montão de sacas vazias, deixando errar os olhos à tôa pelos horizontes chãos, nos cortinados trementes ou nos amarelos e encarnados dos entrolhos e cabrestos e no pano serapintado da canga abundante de verdes e azuis.

Outras vezes ficava-se a ouvir absorto o tinir dos guisos que badalavam conforme a marcha acidentada, ou encontrava distracção em observar a maneira defeituosa como as mulas puxavam, lombo com lombo, as patas oblíquas, imitando uma aranha.

Viajava em serviço do velho Temudo Dores, de Beja, arriscando-se àqueles caminhos maus e a incómodos piores para comprar trigo suficiente à laboração da moagem.

Era um rapaz folgazão, com muita fama de engenhoso, que deixara os estudos por

espírito de indisciplina e se dedicara ao comércio à falta de emprêgo melhor. Em todo o caso agradava-lhe aquela vida errante através de herdades e aldeias. Dessas viagens levava sempre para contar em Beja um punhado de anedotas que faziam a delícia da farmácia do Gomes.

O seu culto era a *blague.*

Mais uma vez na vida demandava Panoias para firmar contrato com um tal Alves, da «Sobreira», herdade que ficava a uma boa légua do povoado, para o sul.

A tarde esmorecia. Um bafo ardente trazia da extensão das campinas um cheiro denso a terras abrasadas pelo sol, a mato cheio de resinas, a cinzas de queimadas. De vez em quando o carreiro saía da modorra, retesava as cordas que serviam de rédeas, largava uma praga incitando os animais, e ficava-se a assobiar uma toada dolente enquanto as rodas barulhavam mais rápidas sôbre o macadam ruim.

—Arre mulas!

Fatigado e faminto, Brasas scismava nos bons lençóis de linho velho, cheirando a alecrim, que o esperavam em casa do

prior, para onde se dirigia, e na suculenta sopa alentejana com azeitonas de Moura por conduto que por certo a boa ama Germana já lhe preparara com carinho... Ah, sonhar! O estómago também sonha!...

Mas no painel da noite a paisagem não mudava. Atrás e em frente, sempre o mesmo rio intérmino da estrada! Perto e ao longe, sempre a mesma ardósia escura!

Assim adormeceu sôbre o molho de sacas, embrenhando-se num sonho de maravilhas: Em certo país distante, de lindos jardins e palácios suntuosos, realizavam-se grandes festas populares. Pelas ruas, no topo de mastros, desfraldavam-se bandeiras e galhardetes; ramos de flôres engrinaldavam monumentos. Balões e lâmpadas de mil côres davam àquela noite de festejos uma sugestão de feeria.

Calçadas e frontarias eram de puro mármore branco. Em parques frondosos por cujas ramarias lanternas lucilavam, músicas errantes adoçavam o ar. Policarpo Brasas estava deslumbrado!

No meio duma praça, sôbre um chão de jade, fazendo tinir braceletes e pulseiras,

um bando de mulheres dansava, agitando ao sabôr duma toada melodiosa de flautas as vestes leves de gases que mal lhes cobriam a nudez.

Em roda, a multidão pasmava.

Confundido com essa multidão pasmada, Brasas não sabia de que mais espantar-se: se das festas que via, se da maneira misteriosa como fôra ali levado.

Mas de repente alguém que pareceu reconhecê-lo solta um berro, e o povo corre em massa, aclamando-o com furor. Não retornara da surprêsa quando mil braços já o procuravam, o tomavam, o erguiam com ruído, levando-o em triunfo pelas ruas suntuosas onde perenemente caía uma chuva de flôres.

Ia atordoado no clamor da ovação. Mulheres desnudavam os seios para lhos oferecerem das janelas. Outras figuras mais sumidas atiravam-lhe beijos. Atónito, não compreendia porque é que o aclamavam assim, o sentido daquilo... Entre archotes brilhantes (já as bandas soavam no cortejo impetuoso), o povo galgava escadarias e terraços, transportando-o na crista da onda

revolta. Na sua frente abria-se a porta dum palácio toda em carvalho macisso e ouro... E com o que Brasas não atinava era a razão por que o palácio se parecia tanto com a moagem de Beja... Há semelhanças comprometedoras!

Em certo momento pareceu-lhe mesmo vêr o ôlho irónico do velho Dores, piscando-lhe, velhaco... Estava agora numa ampla sala de pórfiro e onix trabalhado, toda ressoante da vozearia, e pela mesa grande, repleta de iguarias, logo percebeu que se encontrava numa sala de festins daquele país extraordinário.

Mas, céus! como havia êle de explicar que essa mesa estivesse desde há anos servindo para leitura no club de Beja?!... Como poderia ser aquilo? A que propósito nascia tão estranha confusão?...

A verdade é que sôbre a mesa, em salva de prata fosca, se estirava todo um leitão assado com raminhos de salsa na boca e um colar de rodelas de limão enroscando-se-lhe em tôrno.

Champagnes, vinhos finos da Madeira, ótimos licores de convento, mostravam

gulosamente as suas garrafas e os seus rótulos entre as frutas e os doces, coloridos como ramilhetes. A carne assada rescendia com um perfumezinho do céu.

Afinal tudo aquilo era para êle, para consolar a sua fome! Um anão entregou-lhe um trinchante, fazendo reverências. Policarpo Brasas, atacado de gula, arrojou-se sôbre o leitão loirinho do beijo quente do fogo. Mas quando ia a traçar com arte um corte no lombo nédio, à sábia maneira transtagana, o homúnculo, agora despojado das suas vestes pintalgadas, semelhando um macaco feio, arredou as mulheres quási nuas, e como um pequeno diabo de mágica foi sentar o rabo peludo e sujo sôbre a carne saborosa.

Brasas espumou de raiva.

—Que o deixassem comer, caramba! Sentia-se farto de festas! E aquele maganão a esfregar o rabo sôbre a fêvera rescendente!

Verdadeiramente o que êle estava, era entontecido com o perfume do leitão! Uf, como cheirava bem!

Um berro do carreiro fê-lo erguer:

chegava a Panoias, cheio de fome e de sono.

Eram dez horas da noite. Ruas desertas, sem luz. Panoias dormia o sono rústico dos justos... O bom cura hospedeiro não ressonaria já, na bem-aventurança do Senhor?

O carro, fazendo grande ruído na calçada, virou pelas travessas e foi parar num largo escuro que uma amoreira antiga mais assombreava.

Numa janela pequenina ainda havia luz: padre Jeremias lia ou ceava.

Policarpo Brasas hesitou em incomodar o santo velho àquela hora sossegada.

Mas a aspiração aos lençóis lavados fôra tão doce, tão doce era ainda a lembrança da sopa alentejana fumegante, que se decidiu a subir as escadinhas, a atravessar o terraço sob um dossel de parreiras, e a bater discretamente à porta de reixas verdes.

Uma voz de mulher interrogou medrosa. Assegurada da boa fé do importuno, abriu o postigo, preguntando ainda se tinha pressa e se era para alguma confissão.

Enfim, a criatura escancarou os batentes reconhecendo Brasas, chamando com voz gostosa pelo abade.

— Só agora, louvado Deus! Por êsse mundo de Cristo! Mas em casa amiga nunca é tarde...

Padre Jeremias avançou com o corpanzil rotundo, um barretinho de lã preta a aconchegar-lhe a corôa, arrastando nos pés umas chinelas de ourelo.

— Homem, disse êle estendendo os braços ao recènvindo, olhe que eu ainda o esperava a pé firme!

Eh, eh! Como se dá por lá o amigo Dôres?

— O sr. Dôres, está velho, mas rijo! Muito se recomenda a V. S.ª...

— Anda, Germana, disse o abade fazendo entrar o hóspede, chega lá abaixo ao quintal, a abrir o portão ao carreiro...

— Pois o Dôres é que fez bem, meu caro!

Foi para a cidade... Isto por cá é um deserto... Sinto-me bronco... Sinto-me bronco, palavra, depois de ter aturado tantos anos esta gente sem entendimento, e, (o

que é pior, meu estimado sr. Brasas), sem um lume de fé! A côngrua, é uma miséria; não vão à igreja, e até parece que, de propósito, não nascem nem morrem!

Policarpo Brasas procurou filosofar:

—Ora a vida na aldeia sempre é de mais descanso! Todos nos conhecem, todos nos falam... É quási como a nossa casa.

—Pois sim!... P'r'aí me entretenho no quintal a regar as couves... Quando calha, leio o jornal... Sabe o que é? Ando muito apoquentado com as contas da mercearia! A vida está tão cara que não se pode levar...

O bom padre cura era um velho sanguíneo e enorme, de cabelos brancos mas sem calvície.

Os olhos líquidos luziam sob a prega das pálpebras grossas. Tinha beiço espesso de gastrónomo. Na batina escorriam algumas nódoas. Enquanto falava amaciava com carinho o ventre obeso, ageitando as mãos peludas.

Com sua ignorância aldeã era um homem de bem. Talvez um ingénuo, talvez um supersticioso. A religião, para si, des-

pira-se de todos os conceitos filosóficos ou de máximas morais, — acabara por ser apenas a observância do ritual, e, muitas vezes, a crendice na virtude dos santos.

Padre Jeremias, de resto, era um páraco estimado. Todavia a verdade manda que se diga que de ano para ano Panoias, indiferente, abandonava a igreja. Isto tornava-se um sério problema para o velho. A todo o custo êle queria reapossar-se do rebanho, não só pela humana e natural sêde de domínio, não só porque o rendimento minguava e a vida encarecia, mas também porque o pungia a dôr de vêr diminuir o grémio dos fieis. Queria a Igreja forte,—porque um dia aprendera no seminário que, acima de todos, êsse era o dever do bom padre.

Meia hora depois, escovado, limpo de poeiras, feita a ablução que manda a higiene, Brasas sentava-se à mesa do padre Jeremías saboreando a canja da Germana com agrado, namorando o salpicão, sorrindo às azeitonas. Mas de tudo, o que mais o consolava, era certo vinhinho duma propriedade do cura, palhete, e tão fresco, que se bebia com gula, apesar de cristão.

A conversa, a princípio fria pela debilidade do Brasas, animou-se com a calentura do estômago cheio.

—Boa pinga, padre Jeremias! Há muito que não provava coisa que se comparasse com isto!

—Olé! grunhiu de puro gôsto o abade. Fui eu que mandei plantar o bacelo, eu próprio o enxofrei, e quando o vinho se fez, só Deus sabe os cuidados que me deu! Mas, graças ao céu, tenho uma boa pinga! Beba-lhe, ó Brasas!

A loquela fácil derivava, e a breve trecho o Jeremias pessimista apareceu de novo.

—São uns lorpas, amigo, são uns lorpas... Estou farto, estou farto! Já me sinto enfartar!

E bebia-lhe do palhete, para cobrar ânimo.

—Ora sirva-se do vinhinho, já que gosta, sr. Brasas...

—Obrigado a V. S.ª... Mas olhe que a paz das aldeias!...

—Qual paz, nem qual diabo! Estou eu a interessar-me perante Deus por uma paróquia destas!...

O desalento, a amargura pintavam-se--lhe no rosto.

—Germana, traga o café!

A face gorda pendeu-lhe sôbre o prato onde jaziam cascas de nozes.

Policarpo Brasas, quente da ceia, sentiu vontade de blaguear:

—Quanto a mim, acho que V. S.ª tem carradas de razão... Mas é preciso levar a vida com paciência. Que diabo! Também Jesus levou a cruz ao Calvário...

—Mas olhe, meu amigo, que Jesus teve o seu Cireneu... Ao menos não foi êle só a suportar o fardo! retrucou vivamente o padre Jeremias. Sabe que mais? Isto o que estava a pedir, era um milagre! Se eu fôsse santo, fazia-o, palavra de honra!

Ante esta sinceridade simplória, Policarpo Brasas retomou o antigo pêco folião.

—Um milagre: é o que lhe digo!—asseverava convicto Jeremias.

O outro experimentou o terreno:

—E... julga muito difícil um milagre?

O abade embatucou:

—Como o não julgar? Há tanto tempo que os não havia... Como teria êle, peca-

dor, poder de o realizar? Mas estava lá na sua: o que a coisa pedia era demonstração de vulto, uma prova real e verdadeira do grande poder de Deus!

Brasas hesitava; entretanto abalançou--se a dizer:

—É que, sinceramente, eu não o creio de todo impossível. Como a intenção é bôa, é fazer voltar à igreja o rebanho perdido, os fins justificam os meios, e eu não tinha dúvida em o ajudar na obra... Lá fóra, e até em algumas terras do paiz, se fazem ao vivo as scenas da Paixão. Porque não imitar ao vivo um milagre de Deus?...

Germana levantava a mesa.

—Cuidado, fale mais baixo, por causa da ama! gemeu o padre Jeremias, todo interessado, puxando da tabaqueira para fumar. E mal a governanta saiu, a conversa recomeçou...

—Então é coisa assente? preguntava dez minutos depois o prior, despedindo-se do seu hóspede. Garante-me que o seu bom plano não falha?...

—Verá que não falha! Prometido é devido... Prepare V. S.ª o povo com alguns

sermões de arromba, que o resto fica a meu cargo. A melhor época é a Páscoa. Em abril cá me tem ao seu dispôr! É questão de escrever-me dizendo-me o que há...

—Oh, homem, uma dessas! Se você me consegue um milagre!... Mas veja lá se alguém sabe... Olhe que isto não são coisas com que a gente brinque. Os fins justificam os meios, é verdade, mas se o povo sabe disto, é capaz de me matar!

—Aqui, reverência, é pedra num poço, bem o sabe V. S.ª. Por sua mercê, em Panoias, Deus há de fazer um grandíssimo milagre! E diga lá que só Jesus teve o seu Cireneu...

—Ah, bom amigo Brasas, nem sei como lhe agradecer! Recomende-me ao velho Dôres! De manhã, não sáia sem tomar o cafèzinho... Tenho aí uma genebra de estalo... Mas eu ergo-me a horas...

—Não se incomode V. S.ª... Parto muito cedo para a herdade. Quanto ao nosso assunto, mais uma vez, han: ficamos entendidos!

Um vigoroso aperto de mão foi o sêlo da promessa.

—Santa noite, rapaz!

—Boa noite, sr. padre Jeremias!

Daí em diante, em Panoias, foram célebres os sermões.

O velho abade arranjara certa colecção sonora de palavras graves que eram de estrondo para anátemas! Orava como um iluminado do poder sagrado de Deus! Acusava! Prometia castigos! Profetizava aos descrentes flagelos de tôda a espécie!

Às vezes, falava, até, como na coisa mais banal, em arrazar Panoias!...

Muitos cristãos não dormiam, a considerar naquilo.

Germana não reconhecia o pacato bom homem que gostosamente servia. Escandecido pelo ardor das suas próprias palavras, Jeremias, êle mesmo, de tanto que dissera, já não duvidava que o milagre se viesse a produzir! No próprio furor da gula, às refeições, o seu verbo ardente troava, invocando perseguições do Senhor!

Já não era o abade risonho que cultivava couves. Como o profeta de seu nome, Jeremias chorava a descrença e os bens do mundo sôbre ruínas e dores.

Cronos apressava o correr da areia na ampulheta. Chegava abril florido, e o cura escreveu para Beja. A resposta não se fez esperar: Brasas garantia com segurança a sua presença e o prometido milagre!

Efectivamente, na sexta-feira de Paixão, Policarpo entrava em Panoias e ia hospedar-se em casa do prior.

Voz do povo, voz de Deus... Corria a voz de que para breve estava um acontecimendo tremendo na igreja. Os scéticos riam-se. Qualquer espirituoso correspondente de certo diário da capital, chegou mesmo a mandar uma correspondência irónica para o jornal. Gente de cinco léguas em redor tornava, cheia dum vago temor, a frequentar o templo naquela Páscoa.

Assim dêste rumor, ia saindo triunfante o nome da Igreja, pelo mêdo e pela superstição.

Na noite de sexta-feira saiu a procissão.

No «tumbinho» a imagem do Deus morto por amôr dos homens e por êsse mesmo amôr materializado em vil barro humano, correu meia dúzia de ruas aos ombros das pessoas de maior distinção.

Candieiros de cobre, pendurados das janelas, iluminavam o trânsito, segundo o costume antigo, ardendo e fumando pelos quatro bicos.

Fazia um luar de neve, escorrente pela abóbada clara, como leite em safira límpida. Tão nítido e tão lindo, era um formosíssimo contraste com o lutuoso cortejo.

De volta, na igreja, apertavam-se os fieis para ouvir o sermão. Rostos pálidos sobressaíam dentre o negrume do povo, contristados pela tragédia sublime, já talvez receosos da tão invocada ira divina.

—Meus irmãos! prègava o prior Jeremias, avantajando a voz cantante. Meus irmãos! Em Panoias há ímpios corações... Há aqui ímpios corações, mas do ruim rebanho eu sou zeloso pastor, pela santa lei de Deus, por isso a mim me cumpre avisar-vos, proteger-vos, e gritar-vos:—Temei, répobros, temei a cólera do Senhor!

Todo o templo era em pávido sossêgo. Padre Jeremias, sentindo-o, encorajou-se a declamar:

—Grandes acontecimentos me anuncia o Senhor! Como vós, eu sou humano,

mísero barro que muitas vezes a culpa tocou, mas a Deus sempre me entreguei, em Deus me arrependi, e sempre com a maior liberalidade resgatei êsses pecados! Qual é de entre vós o que oferece velas para os altares, o que manda dizer missas aos santos da sua devoção, o que tem na sua consciência a certeza de que mantém o sustento (como é de justiça), do ministro de Deus, daquele que só da salvação das vossas almas cuida e sempre por elas se intessa em suas orações?!...

E voltava-se para todos os lados, com terríveis olhares. Panos pretos tapavam as janelas e o luar, cobriam os altares, caíam em reposteiros das arcadas taciturnas. Velas trémulas luziam.

O vozeirão engrossava mais, como torrente na serra durante as chuvadas.

—Mas temei, oh, temei a cólera do Senhor! Em verdade vos digo que para breve se anuncia a punição, e então talvez seja tarde (ai de mim, ai de nós!) para vos salvar...

De repente um relâmpago enorme fez curvar todas as cabeças com terror. Estru-

giu um trovão formidável que ficou a ecoar nos recessos das capelas.

—Mea culpa! Mea culpa! gemeu enrodilhando-se nas lágeas a multidão temente. Mea culpa!

Padre Jeremias transfigurava-se no púlpito. Abria os braços ferozes. A sua sombra esvoaçava no teto apainelado e nas paredes sombrias como a silhueta dum monstruoso morcego.

—Ouvis, ouvis, gente ímpia? Eis que a vindita de Deus se aproxima! Ponde os olhos nos vossos pecados! *Memento, homo, quia pulvis es!* Cuidai da vossa fé e do pároco vosso, que só para vosso bem vive, socorrei o templo com uma pequena migalha dos vossos bens, pois só assim Deus vos poderá abençoar!

—Mea culpa! Mea culpa! gania a turba humana. Avé, Maria, cheia de graça...

A massa de povo rojava-se nas lágeas, babada, chorosa, implorando piedade. Sob a tempestade violenta parecia que a igreja ia aluir. Os relâmpagos chispavam. E a voz do padre Jeremias incansável, sonora, troava mais e mais... Ás vezes voltava-

-se para o altar-mor e implorava aos berros:

—Anda, Senhor, mostra a tua divina cólera a esta gente infiel! Indica-lhe o caminho da salvação, Senhor, Senhor meu Deus...

Um tremendo reboar de trovoada respondia logo às apóstrofes exaltadas.

A sombra oscilava no teto, o morcego batia as asas... Padre Jeremias debruçava-se do púlpito, de mãos enclavinhadas, e rouquejava de dôr, de revolta e de ódio.

—Mea culpa! Mea culpa! Santa Maria, Mãe de Deus... era o clamor que se ouvia.

Quando as gentes já tombavam desfalecidas pela emoção desconforme, Jeremias, —alfim!—gritou, olhando os arcos:

—Basta, Senhor! Perdoa-lhes! Perdoa-lhes que êles não sabem o que fazem! Recebe o arrependimento dos que pecaram, e de futuro ampara-os na tua graça divina! Irmãos, rezemos todos uma avé-maria reconhecida pelo aviso de Deus e pela sua santa misericórdia...

Houve um murmúrio de oração seme-

lhante ao ressoar duma vaga de encontro a penedos.

Padre Jeremias ergueu-se, limpou com o lenço vermelho a cabeça branca molhada de suor, e desceu os degraus do púlpito, arquejando.

Á sua passagem o mar humano tornou a marulhar. Inclinavam-se as cabeças temerosas diante daquele a cuja voz o raio e o trovão tão prontamente obedeciam.

Cá fora, no entanto, continuava a brilhar o mais formoso, o mais paradoxal luar. Estava escrito que assim começaria a longa fama do extraordinário, do espantoso milagre...

*

* *

Á ceia, o prior a muito custo conseguiu afastar a ama babada diante da sua santidade, incumbindo-a, com pressa, de preparar o chá na cozinha.

Só então, livre de testemunhas importunas, o santo homem, reconhecido, caiu nos braços do Brasas.

—Foi de arromba, meu filho! Foi de arromba! Que bem que te portaste...

—Só para ser agradável a V. S.ª... Mas estou derreado de rir, de assoprar, de bater no latão...

—Oh, homem, há coisas que custam a acreditar! exclamou o abade num sorriso de gôzo. Lá que com o latão se consiga uma trovoada, concedo! Mas os relâmpagos! Olha, filho, que eram tal qual! Ali, por mais que me digas, andou a mão de Deus...

—O que andou, snr. padre Jeremias, foi uma boa porção de pez louro em pó e o meu rico trabalhinho em assoprá-la sôbre as velas acesas, por êste canudo que aqui vê...

E mostrava-lhe um pequeno tubo que assomava numa algibeira do colete.

—Pois ninguém diria, filho, ninguém diria... Coisa tão perfeita! A igreja de Panoias deve-te um grande serviço, olá! Que Deus nos perdoe o pecado, mas foi feito por sua grandeza. E Deus há de perdoar-te...

—Se não me perdoar a mim, muito menos perdoará a V. S.ª... O pior foi que

a certa altura pegou fogo no pano do altar-
-mór. V. S.ª não viu?

—No estado em que todos nos encontrávamos era lá possível vêr?! Não vi, não vi, felizmente...

—Pois não sei como aquilo se deu! Eu estava sôbre o altar, escondido pelo pano preto, na tarefa de impelir o pez louro para a chama das velas... Nisto, noto a cortina que me cobria, em alas! Ia V. S.ª já no fim do sermão... Foi o que me valeu... Os relâmpagos avagaram, e pude ainda apagar o incêndio com as mãos...

—Olha que espiga, han!... atalhou o padre, lívido...

—Estive até para estoirar a lata à bordoada, a vêr se fazia fugir tudo... De resto, confesso que me não achava bem, sentia mêdo! Havia a meu lado imagens de santos mais altas do que homens... Tinha as mãos e a cara mascarradas... O pano deixava coar pouca luz... Depois, o pez louro, o latão, a heresia... Ah, snr. padre Jeremias! Cheguei a ter a impressão de que era o próprio demónio!

—Abrenúncio, filho, que estás em pecado!...

Mas logo, com voz trémula, rogou:

—Agora, veja lá, ó Brasas, se conta alguma coisa...

—Isto é pedra num poço, reverendo... Já lho disse. Com coisas de religião não quero brincadeiras...

A governanta, que entrava com a canja da ceia, não tirava os olhos do abade. Adorava-o, a bôa mulher; não só pela maneira sábia de dizer o latim, mas até como homem,—pois dormia com êle! Todavia sentia que aquela cabeça branca e pensativa ganhara agora uma mais intensa luz espiritual. Deus lhe desse o condão, a ela, Germana, mais mulher do que ovelha católica, de fecundar ainda! Não devia sêr completamente desagradável ao Todo Poderoso ela deixar no mundo a explêndida semente daquele santo homem...

*

*   *

Ao outro dia, quando voltou da missa da manhã, padre Jeremias, que dormira

como um justo, começou a faina de recolher presentes, de arrecadar a óptima colheita do milagre do Brasas, — o trigo, a carne, o milho, a fava, o azeite, com que, quinze dias depois, já sem pavôr das contas da mercearia, havia de ter cheia a dispensa e a abarrotar o celeiro...

A CHARNECA SOMBRIA

ONTEM à noite, num grupo, falava-se de aventuras, de cometimentos de fôrça e scenas de ladrões, quando N., meu amigo de infància, rompendo o silêncio habitual que os seus íntimos, ralhando-lhe, sempre lhe consideraram impróprio de legítimo algarvio, se dispôs a contar-nos certa história tenebrosa a que um acaso o lançou, — drama macabro que durante quatro longos anos de impenetrável segrêdo, lhe pesou no espírito, com receio das gentes da Justiça e de más suposições. Êsse rapaz, autêntico camponês, tem um horror verdadeiro por meirinhos e juízes; é, em suma,

com todo o egoismo rude, um perfeito amigo da sua paz. Diz êle que a Justiça é senhora perigosa, com quem quere poucas relações, pois além de cega tem um gládio na mão... Pode por isso acontecer que se a roda desanda a espada trabalhe sem cuidar em quem dói, de maneira que pague o justo os crimes do pecador... É uma razão como outra qualquer, mas que assinala o meu amigo como poço de bom senso. Não quero por tudo isto que êle se queixe da minha inconfidência. Ficará para mim e para ti, leitor, a letra anónima N.! Êste espesso mascarim deve pô-lo contente...

Assim o drama ter-se-ia passado com N., meu amigo, com qualquer outra pessoa, ou ainda, se a tua malícia o exige, crítico teimoso, N. será muito simplesmente uma pura invenção da minha fantasia...

O herói a que me refiro é uma criatura feliz. Tem saúde de ferro, não deliquesce de leituras nem de doença imaginativa, nem tam pouco um dia só na vida se lamentou de que é atroz a insónia. Trabalhador vigoroso, não teme o sol, e a noite muitas vezes o surpreendeu na sua faina, montado,

ou a pé, calcurriando em caminhadas longas, atalhos, planícies e vales.

É êste, (segundo creio, pela opinião dos meus vizinhos), o autêntico tipo do homem normal: come bem, dorme bem, não pensa, e sabe escrever e contar o suficiente para deitar solertes cálculos à vida quando se entende com letras de crédito e facturas comerciais. Por mim, nunca vi alma tão consolada de viver!

Além da faina dos campos, N. dedica-se a uma importante indústria corticeira. O seu mister força-o a ir todos os anos ao Alentejo recolher das herdades a cortiça comprada.

Uma tarde, (começa aqui a história), terminado o trabalho na herdade de P., (escondo o nome pelo motivo já expresso), N. mandou os seus homens para a herdade de B., onde tinha também corcha a arrancar.

Era sol-posto, um sol-posto de charneca alentejana no rigor do verão, quente e abafadiço, com grandes chamas de sangue a lamberem o céu. Mas N. demorou-se no casal da herdade de P. por via dum pagamento. Satisfeito o compromisso, feitas ao

lavrador as despedidas entre dois copos amigos, saltou para a montada e seguiu o caminho da sua gente.

Anoiteceu. A charneca sem fim estendia-se por todo o horizonte. Seus olhos adestrados não reconheciam o lugar. Andou mais uma hora. Principiava a recear que se tivesse perdido... Inquieto, acendeu o isqueiro e consultou o relógio. Tinha duas horas de marcha, devia andar próximo da herdade de B.! Mas a planície entrou a eriçar-se de bouças e sobreiros, um aqui, outro além. Quanto mais se afirmavam, mais aos seus olhos parecia que levava rumo errado...

Em todo o caso a vereda era nítida, cortando o mato. Resolveu fazer alto para se orientar. A ardósia da planície aveludava-se um pouco ao palôr das estrêlas. As árvores traçavam no céu estranhas configurações. Silêncio de campa. Noite velha.

N. amarrou o cavalo a uma bouça e procurou uma azinheira alta a que subir. Trepado aos cimos espionou a noite, tentando descortinar casal ou luz. Mas em vão os seus olhos buscavam formas a que

ater-se. A planície era escura e imensa, para onde quer que seus olhos volvessem a mesma extensão parda se prolongava até à curva do espaço.

Sùbitamente, um ponto luminoso feriu-lhe a vista. Êsse ponto luminoso oscilava entre a espessura do mato. Luz de «monte» não era, não devia ser... Afirmando-se melhor, notou que a luzinha caminhava, vinha na sua direcção. Como homem prudente, esperou-a, escondido entre as ramagens.

A luz aproximava-se lentamente. N. viu então que era uma lanterna acesa. Trazia-a um maltês barbirruivo, espécie de gigante musculoso e esfarrapado que meneava na mão esquerda um bordão cheio de nós. Atrás, outro maltês trigueiro transportava uma enxada ao ombro. O clarão amarelado dava tons mates às suas peles escuras, avivando-lhes a carvão as sombras fundas das rugas e o encovado dos olhos.

Por profissão os malteses são ladrões e assassinos, mas vistos ali, àquela hora sombria, num descampado, apetrechados

de maneira tão estranha, as suas figuras tôscas ganhavam volume, dançando com as sombras que no chão vermelhusco e nas abas do arvoredo a candeia lançava. N. esperou que os malteses passassem, mas os dois bandidos fizeram alto debaixo da azinheira; enquanto um atirava com a enxada, o outro levantava a chama à altura dos olhos e mirava os troncos pela copa acima:

—Lá está o homem! disse êste.

—Vinha com medo de que lá não estivesse! comentou o companheiro com ar satisfeito.

N. teve um arrepio. Tê-lo-iam visto? Mas como? Como puderam adivinhar?... Pôs-se de novo à escuta. Os dois malteses não trocaram mais palavras. Olhavam a um lado e a outro, a sondar. Por fim um deles indicou um ponto no chão!

—Cava aqui!

A enxada começou a cavar.

N. pensava se lhe seria possível defender-se diante do ataque iminente, mas a espingarda, companheira querida das charnecas, ficara-lhe na sela. Na algibeira não

possuia sequer um canivete... Pelos interstícios da folhagem espreitava a tarefa singular. A cova era funda e longa, com geito de sepulcro. De vez em quando os meliantes revezavam-se e o substituído ficava então a dar impos de cansaço, limpando com as costas da mão grossa as grandes bagas de suor.

Um dêles, com a mortalha espessa entre os beiços, preparava o tabaco do cigarro, moendo-o no calo da mão:

—Pró homem que é, a cova bonda... Que é que dizes, ó Chico?

—Lá que bonda, bonda. O dianho é alcançá-lo aonde está...

N., entre a copa ramalhuda, suava de agonia. Tinha dúvidas se sonhava. O coração pulava-lhe dentro da arca do peito, a boca estava seca,—só os olhos lhe luziam espavoridos...

Como era tudo aquilo possível? O engano no caminho; a resolução de parar; a escolha da azinheira; a chegada dos bandidos; toda aquela infernal maquinação contra a sua vida? Pois a quem se destinava a cova senão a êle? Ninguém mais estava

sôbre a àrvore, e nem mesmo seria crível que estivesse... Depois, o scenário: a noite, a charneca, a candeia fumarenta... Ah, o baque do sangue no seu cérebro tinha mais fragor do que o troar dum martelo! Certa voz soturna regougava-lhe lá dentro:

—Estás perdido! Estás perdido! Viram-te aqui, vão-te matar!

O maltês, feito o cigarro, sentou-se, fumando, sôbre os torrões e cuspinhou para o lado:

—E a corda, ó Chico, o que fazes da corda?...

—A corda vai comigo, filho! Nada, não quero brincadeiras com a Justiça! Se a Guarda dá com o caso, há de ter muito que pensar...

Riram de gôsto os dois por supôrem, por instantes, a partida que pregavam à Justiça... A sepultura estava pronta. O bandido atirou o cigarro e dispôs-se a operar:

—Ala! o homem já está podre de atender. É cristão dar uma cova às almas de Deus...

—Seja tudo pelos nossos pecados... A culpa foi dele: quem o mandou meter-se

na nossa frente? Anda, Arraul, eu fico cá em baixo, sobe tu primeiro!...

Neste momento N., tomado de pavor, não pôde mais, soltou um grito rouco e deixou-se esbarrondar pelas ramagens abaixo, na ânsia de salvar-se:

—Ah, ladrões! Ah, ladrões! que me querem enterrar!

Os malteses não chegaram a ter a noção nítida do que ocorria: romperam a correr desalvoridos, perderam-se entre as ervagens, na planície.

N. conseguira galgar o cavalo e, agarrando-se-lhe às crinas, enchia-lhe de sangue os flancos, desfechando terra fora, num galope doido.

Quando chegou à herdade era madrugada. Do nascente jorrava um foco de luz branca e as estrêlas sumiam-se nesse jôrro de luz. Ia de cabelos ao vento, pálido, quebrado. A friagem da manhã reanimou-lhe os nervos combalidos. E já tudo lhe parecia um sonho: com o clarão do sol parecia que se dissipava o pesadelo.

Mas, comido um pouco de queijo, bebido um pichel de vinho, salteou-o a idea de tor-

nar a vêr o local do frustrado crime. Queria certificar-se se a cova lá estava, se tudo aquilo não fôra sugestão da própria charneca numa noite de desvairo, sombria! E em segrêdo acordava um amigo íntimo, levava-o de galopada pelos soutos, orientando-se a esmo, até reconquistar a azinheira fatídica, onde em má hora subiu.

Efectivamente lá estava a cova acabada de abrir, uma enxada caída, a lanterna ainda acesa poisada num torrão.

— E os malteses? preguntou um de nós àvidamente.

— Nem rasto! Deixaram os próprios bordões...

Agora aí têm a chave do enigma: a sepultura não era feita para mim...

Pulamos de espanto.

— Ora essa! Para quem era então?... inquirimos em côro.

— Para um enforcado! Assaltado certamente, os dois malteses mataram-no. Para iludir a Justiça procuraram a árvore mais alta junto do caminho e simularam o enforcamento. Tendo verificado que o cadáver estava onde o haviam deixado, isto é,

que ninguém dera pelo crime, preparavam--se para o fazerem desaparecer... Quis o acaso que eu nessa noite subisse à mesma árvore, e daí veio o enigma. De resto, não era arrojado considerar-me eu o único homem ali escondido!

É assim que interpreto hoje essa scena terrível. Só depois calculei o pavor dos bandidos, quando me ouviram gritar! Julgaram pelo pior para os seus espíritos propensos a crendices: acreditaram que quem falava era o morto,—e hoje ninguém lhes tirará da cabeça que há almas do outro mundo... comentou sorrindo.

Os jornais ainda falaram daquele estranho crime, do coval, da lanterna, dos bordões... Parece que o móbil do assassínio fôra o roubo. O desconhecido fôra morto por asfixia. Desaparecera-lhe a corrente, o relógio e os aneis! Apurou-se mais tarde que era um lavrador da Beira Alta ao qual tinham roubado o próprio macho em que seguia viagem.

Quanto a mim, é a primeira vez que falo nisso, e pelo amor de Deus vos peço que não me ponhais a contas com os tribunais...

De facto, como poderia eu agora reconhecer os bandidos? É esta história suficientemente verosímil para que, quem quer que seja, não duvide de mim?...

Demais, a dizer-lhes a verdade, confesso que hoje tudo me parece tão irreal e tão extraordinário, que chego, eu próprio, a duvidar de mim...

Quedámo-nos ennervados, meditando nessa noite de pavôr.

Alguém quis gracejar, mas o seu riso gelou.

Apenas eu lhe disse:

—Meu caro, creio em ti, porque te sei incapaz de mentir! A realidade, de resto, supera sempre aquilo a que vãmente nós chamamos o inverosímil. Mas se acaso inventaste uma história tão bela, dou-te os meus parabens, pois sinceramente declaro que admiro o teu talento de novelista! Essa aventura faria a glória dum conto de Barbey...

BAILE DO CAMPO

QUANDO voltou da cortiça, o Granja começou a ouvir certos zunzuns a respeito da mulher. Mais isto, mais aquilo, mas nada de falarem claro!

Pegou a andar murcho. Já não assobiava, atrás do arado, as modas do outro tempo, e à hora de comer ficava-se esquecido pelas sombras do arvoredo no geito sério de quem traz amarga scisma. Cuidava na má fé da companheira, mas via-a simples como era de antes, bôa amiga e bôa mãe, já com o fardo de dois filhos e cada vez mais aferrada à sua lida.

A vida corria custosa mas sadia, graças

ao Céu! Viviam para a terra, e isso lhes bastava,—párias felizes a quem a rosa do sol não cobria ambições de grandezas nem canseiras de doutores!

Tornou da faina das Beiras, e tudo vinha achar medrando na paz do Senhor, como na hora da abalada.

Apenas duas novas havia a mais no sítio: a Conceiçanita do Vale arrecebera o noivo que aí estava rico, já de volta do Brasil, e a reca do Chico da Horta desentranhara-se em crias que era um louvar a Deus.

Mas na venda, as pilhérias dos bargantes deixavam-lhe negro o coração. Não *prècurava* nada... Lá no íntimo tinha mêdo de saber!

Punha-se a considerar na sua vida, e ao lembrar-se de tudo o que por êle tinha feito a mulher, até se envergonhava daquele seu pensar. Mas em trovando alguém na frente logo punha os olhos no chão... Não tornava o salve-o—Deus a quem lho dava,— o salve-o—Deus, que é a oração da felicidade humana em todas as bocas, pelas azinhagas...

—Não anda em bôa sina!—aventavam pessoas achegadas. Pobre *home*!

Deu-se a seguir a mulher num geito de loucura. Espreitava-a. Chegou a preguntar-lhe um dia (Nosso Senhor lhe perdoe!) com que dinheiro mercara ela o lenço fino, de ramagens, que punha agora ao domingo!

Certo sábado à tarde o Granja chegou derramado. A mulher, de volta da lavação, mal teve tempo de atirar a canastra pró pial, ainda com o chapéu da lufa-lufa sôbre o lenço amarelo.

—Temos que entrar num ajuste!...

E disse-lhe tudo, a sua vergonha, a sua raiva!

A mulher mudou de côres:

—É mentira! É mentira!

Mas êle não abrandava.

—É mentira! Juro-te pelas alminhas santas!

E amarfanhando nas mãos grosseiras o chapéu, rogou que fôsse preta como êle, se estava fora da verdade!

A paz desceu sôbre a alma do Granja como uma madrugada de maio desce sôbre as ribeiras turvas das chuvadas.

—Raio de gente!

E uma tristeza funda o acometia, pensando na maldade dos que gostam de intrometer-se na vida alheia.

No domingo seguinte voltaram as graçolas a envenenar-lhe a bôa crença. Aquela venda do compadre Manuel Rosa, onde passara reinadias borgas, aparecia-lhe agora como um degrêdo de alma.

Tinha ganas de desalvorar, de saltar a terreiro com um sarrafo e aprazar os valentes! Mas depois era uma escândula, vinha a mulher à baila mai-los filhos, tudo por môr duns bêbedos ruins!

—Ná! A boida é má conselheira... Toca a disfarçar, ó Granja! dizia-lhe uma coisa lá por dentro.

Traiçoeira, malandra, a dúvida retomava-lhe o coração. Deu em beber.

À medida que a embriaguês subia, o ruído ampliava-se-lhe dentro da concha dos ouvidos, como um rufar de pandeiro. O mundo ficava mais distante, mas o álcool acabou por cerrar-lhe o entendimento a

tudo o que não fôsse a mata-mata do seu ciúme.

Nêsse dia, pesado da bebida, encaminhou-se para a rua. A tarde era uma moça endomingada, muito garrida no chaile côr de fogo do sol-posto. Levantou-se uma aragem que o reanimou. Pela estrada passeavam raparigas, aos magotes, num frizo colorido.

Uma bicicleta dobrou a curva, em descida, e um bando de garotos deixou de arrastar na poeira as canas verdes, para fazer uma assuada ao bêbedo.

Incerto, o Granja chupava desabaladamente o cigarro, cobrindo com as mãos em concha a flama vermelha. O cigarro desfez-se, e depois de guardar os fósforos com vagares tontos, atirou-se resmungando sôbre a terra do alegrete, e ali ficou dormindo de borco até quási noite cerrada.

—Co'os diabos, essa hoje foi de caixão à cova! gritou-lhe Zé da Rita.

O bêbedo esgazeou os olhos, num vagar.

Escurecia. Ao longe o garotio levantava ainda nuvens de poeira, arrastando as canas. As moças riam com um rancho de

rapazes que seguia em ar de festa, lenços de seda no pescoço, fitas de côres na lapela.

Á porta da venda parou um carro. O carreiro apeou-se e entrou. Na penumbra azul da noite a paisagem sumia-se. Vésper piscava trèmulamente ao sul.

Zé da Rita atirou o chapéu para a nuca e arrimou-se à parede, fincando o varapau na calçada. O Granja quiz então abrir-lhe a sua alma, o vortilhão da sua miséria torva, mas o outro ria-se.

—Pode lá ser! Pode lá ser! Ora o diacho do homem...

Um corpo enorme assomou ao portal:

—Tens a cabeça pesada, ó coiso?...

Era o Zé Russo, da Palhagueira, valentão de fama e varredor de feiras.

—Espera! disse Zé da Rita. O diabo arma-as. Êste toiro é unha com carne do Cristovo... Uma noite, quando andavas na cortiça, encontrei o Cristovo à quina do teu monte, e estava assim com ares de caso...

O Granja afirmou-se na suspeita. Ia para nove dias que êle o topara na ribeira com a espingarda e o perdigueiro. Caça, nenhuma! Não desconfiou daquilo. Mas lem-

brava-se agora que a mulher aparecera perto, já com a roupa torcida na canastra.

A cabra! Matava-a! Matava-a!

—Não! Ela não! É uma infeliz! Alembra-te de teus filhos! aconselhou o compadre. O malandro foi êle! Também o trago de ôlho!

Vou casar com a minha prima Glória, os banhos já estão correndo na igreja, mas mesmo assim não lhe faltam recadinhos...

É um gajo! Mas racho-o!

Vozes avinhadas batalhavam dentro. Ébrio, o Russo da Palhagueira levantava um homem em cada braço, demonstrando fôrças.

Alguém largou uma obscenidade. Soaram gargalhadas e no rectângulo de luz que a porta despejava, projectaram-se de roldão as sombras dos que saíam.

Passou o vulto do carreiro. Outro vulto o seguiu. Era o avantesma do brigão, a avançar como uma tôrre, tropeçando brutamente no varapau de Zé da Rita.

—Quem é o animal?

—Sou eu, sua besta! E a mão do gigante

apertou-lhe o pescoço até o fazer cair desfalecido.

O carro pôs-se em andamento. Zé Russo galgou-o a correr. A gente que saira por ouvir altercar, tornou a sumir-se pela porta escancarada, enquanto alguém bradava para o carro que ia virando ladeira abaixo:

— Eh, rapaziada, para aonde vão de festa, ainda?

Pastosa, a voz do carreiro informava:

— Pró bailo do Diogo! Se querem vir...

Quando se levantou, Zé da Rita estava tonto e o Granja esforçava-se por vêr-lhe as feridas à luz. Mas o outro empurrou-o:

— Paga tudo esta noite! Vem daí... Trazes faca?...

O outro, aturdido por aquela voz cava e ardente que o sugestionava apontando-lhe um crime, apalpou-se à tôa, descobriu a navalha num dos bolsos das calças. Entraram na venda.

— Meio litro pra dois!

Esvaziaram dum trago os cangirões e sairam. Apercebia-se o livor da estrada na obscura coloração da noite. Ladravam cães

a distância. Um galo cantou. Misteriosa e presaga, sôbre um valado, erguia-se uma cruz, — memória de crime ou de descanso de entêrro.

E os dois vultos mergulharam na paisagem escura, a caminho do bailo...

Na casa ladrilhada e estreita os pares dansavam. Cheirava a álcool e a suor; suspenso da parede branca de cal um gasómetro chiava.

Havia um balcão, ao fundo, negro de sujidades gordurosas. Por detrás dêle a Tereza do Zé Nunes vendia bebidas e enxaguava copos num alguidar de barro.

Numa estante alinhavam-se garrafas e cada prateleira babava franjas de papel de côres pretensiosamente recortadas.

Corria tôda a casa um borborinho de arraial, risos, vaias, arrastar de pés, princípios de brigas...

Zé da Rita e o Granja meteram-se na onda. Furaram pela gente pasmada em volta dos pares até que deram com o Russo e o Cristóvão, morgado da Ferrosa, de falá-

cia com a Ana Moleira, rapariga com fama de bonita em tôda a freguesia.

A Ana ainda acenou ao Zé da Rita, mas êle fez que não viu. O Granja enfiou de amarelo; lobrigara o morgado a rir-se dêle. Meteu a mão nos bolsos e apertou a faca...

Achegaram-se a dois rapazes, amigos da tropa, bichanaram umas palavras, e escapuliram-se os quatro para a rua, a segredar.

Os ferrinhos calaram-se, o fole suspirou e emmudeceu. Bebia-se aguardente.

A Tereza do Zé Nunes foi deitar água no gasómetro.

Os quatro amigos apareceram alfim encostados ao balcão, a rir e a beber. A concertina harpejou, esboçando compassos, numa exibição de acordes e de escalas, o homem do fole sorveu um decilitro, e um garoto sancolejou um pires por tôda a casa, pedindo a espórtula do tocador.

Nisto, vivo, repenicado, contente, um corridinho rompeu daquelas notas vagas.

Os rapazes retomaram os seus pares. A Ana Moleira, muito ladina, com o Cristóvão, filistriava em escovinhas. Zé Russo

enchia vagarosamente o seu cachimbo de pau.

De repente, uma cacetada apagou o gasómetro e uma chave guinchou na porta que se fechou com estrondo.

Na escuridão chocavam-se paus, gritavam mulheres, ouviam-se pragas.

Uma onda humana, feroz, revolta, debatia-se contra a sua própria violência, esmagava-se, comprimia-se, alteava-se, ia estatelar-se de encontro à porta cerrada, até que esta se abriu e no boqueirão da noite se escoaram rápidas as silhuetas dos que fugiam.

Quando ao cabo de minutos a luz tornou a brilhar na casa deserta, o corpo de Cristóvão alagava de sangue o chão, e o gigante de Palhagueira tombava como uma tôrre, a cabeça fendida meio a meio.

Duas ou três pessoas transpuseram ainda a soleira, a sondar.

Nem viv'alma! A noite era serêna, e do fundo da noite, sobrenatural e pávida, só a aragem se ouvia, ramalhando pelo arvoredo nas azinhagas de mistério...

A BURRICADA

AFINAL, o rapaz tivera dedo! Nem parecia o mesmo... Fôssem lá dizer-lhe agora que êle era o aprendiz de sapateiro de há dez anos, um moina sem eira nem beira, criado dêste e daquele! Nem o pai, se fôsse vivo, o havia de conhecer!

Vinha belo, sadio e forte, pescoço ao léu nuns colarinhos *à maman*, cara lisa, desempenado, geito alegre, mostrando em tôda a respeitável pessoa o entendido ar de quem viu mundo.

Aquele estava um fidalgo, olá!

Quem havia de dizer que o filho da Balchorinha, inda outro dia de abalada para a Argentina, mais pobre do que Job, ao

cabo de dez anos tornaria, bem trajado e bem falado, com um rico pé de meia, à terra querida que numa manhã de S. João ditosamente o viu nascer!

A fama dêsse pecúlio corria já, fagueira, por tôda a freguesia, e, ouvindo-a, mais dum moço sonhador se pôs a deitar cálculos numa ida ao Brasil.

Esta nomeada, e o ar de galo pimpão que todo se empluma por mulheres, trouxe-lhe uma côrte de amigos. Nas vendas, era êle quem pagava o vinho. Bebia tudo à sua sombra, porque, verdade, verdadinha, ó camaradas, lá em franqueza nada havia que lhe pôr!

À hora santa da missa, na igreja, sem cuidar do pecado ou das línguas do mundo, que não é castigo menor, as moças comiam-no com os olhos. Mas o finório, sentindo-se mirado, a todas deitava pecha e nenhuma escolhia para arreceber no altar.

*

* *

Estava-se na verga do verão. Agosto, soalheiro, era um amplo balaio de frutas

com toalha de seda azul. Sob a canícula as nascentes mingüavam, o arvoredo crestava, escaldavam as pedras dos caminhos. Tôda a frescura da terra se exilara nos cachos negros das vinhas e na polpa vermelha dos figos.

E a quietitude de campos e casais era de tal forma impressionante e funda que dir-se-ia a vida estagnada naquela estampa de colinias sépia, da côr do cobre sujo com manchas verdes de zenabre, debaixo da cúpula de safira, lisa e brilhante, do cèu.

Foi neste scenário aldeão, ao sol duma tarde quente, que a burricada saiu estrada fora, em direcção à próxima fonte de águas férreas que gozava de grande fama entre o povo.

O bando alegre enchia do guizalhar dos risos vales e quebradas, assustando pardais e cotovias que se abrigavam da calma nas oliveiras. Era numerosa a companhia que acorrera a sorver as delícias daquela distração que surgira como por milagre dum alvitre e dos bons ofícios do filho da Balchorinha.

—O embarque para Citera! comentou

um estudante do liceu que saboreava em férias a obra de Lamartine e sonhava com uns olhos côr de mar, entusiasmado diante das peripécias da abalada, sem cuidar que fazia, a sério, uma caricatura feliz...

A menina a quem falava, còrada como um pêro, baixou a cabeça, de vergonha. Como não sabia geografia, teve a veleidade de supôr que Citera era uma roça e ficava na África, onde tinha o namorado...

Gritinhos aflitivos chamaram as atenções: a Mariquinhas Soisa, muito fresca numa sarja clara, caía do burro amparador pelos braços fortes do Crisóstomo, o antigo aprendiz de sapateiro que, pelo visto, aprendera na Argentina a ser gentil.

Pretendia Sienkiewicz que todos têm em si a sua tragédia... Pois esta Mariquinhas, entre as outras do seu nome que mais havia na terra, escondia também em si (como dizia o literário estudantinho) a sua tragédia! Ela era, indiscutìvelmente, a heroina romântica da aldeia!

Tinha um fraco pelos ajudantes de farmácia e desde há anos que amava ferozmente o buço negro dum dêles, o Miguel,

rapaz lírico que compunha versos como pílulas. Os pais de Mariquinhas faziam-lhe uma oposição cerrada, mas Miguel, pálido e torturado, tudo sofria a êsmo, sem um protesto, vítima sentimental que ou se esvaía em odes como aquela célebre *Ao pinheirinho da farmácia* ou se requintava oferecendo à amada um pacote de línguas de gato com três sabonetes de rosas...

Não se chamava Romeu, mas era Miguel Romão o seu homem fatal. Entre rapazes dava por «Mangerico», alcunha bem cheirosa que lhe valeu o ar apuradinho.

Da opinião ilustre do gordo prior Teles à humilde e insensata do contínuo do clube, aquela paixão exuberante era considerada como um modêlo de sacrifício e devoção, exemplo monumental, ia dizer mais, padrão, da fôrça vitoriosa do amor no incerto destino humano.

Só o Crisóstomo se ria dêste verdadeiro preconceito. Últimamente, dera-lhe em gostar da rapariga, e já o mundo falava, e ali, na burricada, às vistas de tôda a gente, êle a cortejava com um desafôro que se tornava imoral.

Miguel Romão ficara na botica, roído de ciúmes, a manipular umas hóstias para o apetite do Santos da tabacaria. Não lograra o adiamento da burricada para o dia do descanso semanal!

Nessa mesma tarde, à mesa, quando chegou a hora de cumprir a receita médica, antes da refeição, sentindo o concentrado amargôr do tónico, o velho Santos não cansava de queixar-se dizendo que o Miguel desta vez carregara de mais na dose...

É quási certo que lhe carregou, porque o mariola, além de ciümento e poeta, idealista como era, não levava à paciência manipular drogas e pós para abrir o apetite! Uma questão de princípios! Vão lá compreendê-lo!

*

*   *

A burricada tomou a ribanceira que é o caminho para a Fonte, e desceu ao coração do vale com um grande rumor de cavalaria sôbre a ribeira estanque.

Fizeram alto junto dum valado antigo, coberto de musgos, todo esbeiçado dum

socalco sôbre um charco verde onde medrosamente mergulhavam rãs.

Atados os burros às alfarrobeiras e azinhos, o bando contente embebeu-se na frescura dum milharal, demandando a nascente.

Ai a água escorria em fio duma telha quebrada, batia, correndo, várias lágeas sobrepostas, babando-as de espumas, e ia alastrar, murmurinhando, no chão do tanque vermelho de ferrugem.

Rapazes e raparigas dispersaram-se aos grupos, conversando e rindo, pelos valados, pelas paredes do tanque, pelo tapete das relvas viçosas do regadio.

Havia quem bebesse a água aos sorvos, retendo-a na concha das mãos unidas, saborosamente. Outros colavam biblicamente a bôca ao fio límpido. O estudantinho explicava à menina que tinha em África o amado para o qual (sem plágio da Sulamite) ela era o sol, não menos ardente que o das sanzalas, quem foi Camões «que escreveu *Os Lusíadas*» livro patriótico que lera nas aulas. A fonte de água férrea lembrou-lhe a de Hipocrene, e com estas suculentas citações de mitologia barata, arranjou a inspiração

dum madrigal ousado que retocou inda duma tinta mais viva as bochechas de maçã camoesa.

A merenda foi disposta sôbre uma toalha alva, onde entre rendas e enfeites um *E* maiúsculo se torcia com duas flôres bordadas a tiracolo, indicando o nome da sua possuïdora, D. Elvira, a infeliz. Esta senhora flácida, notável pela azia cujo sofrimento a tornava numa cera e pelo peito abundante, era uma «joven» da velha guarda, saudade viva e sempre suspirosa por um primo leviano que depois de a entontecer com juras (os homens! meninas...) se sumira nas florestas da Califórnia para nunca mais.

Cornucópias fartas despejaram viandas e queijos, pescadas fritas, ovos cozidos e azeitonas. O vinho, em copos de vidro fôsco, corria dos gargalos das borrachas. E a alegria reinou! Vozes, gracejos, um manejar de garfos, às vezes um ruído maior de mandíbulas trabalhando, e a merenda era um delicioso poema que (sem ofensa para o Romão ausente) o apetite estava talhando...

Mariquinhas, muito frívola e lambareira, ria das gracinhas do Crisóstomo.

Pelo seu copo, com finuras estudadas e o vozeirão muito mole, Crisóstomo dava-lhe a provar do seu vinho. Com os beicinhos trémulos da sensualidade do gôsto o figurino romântico daquela geração bebeu dois goles apressados. Um acesso de tosse carminou-lhe a palidez etérea. Uma chuva de rubis saltou da sua bôca, e dois ficaram luzindo, refulgindo nos rebordos dos lábios.

A melancia burguesa e saborosa foi o grosso ponto final do festim campestre. Depois, pesada e farta, aquela mocidade amorosa debandou folgando pela lomba do cerro, entre sobros e azinhos...

D. Elvira, por sua idade e respeito guardiã do rebanho, talvez absorta na Califórnia distante, entendeu por cristão deixar entregue à escrupulosa intercessão do Anjo da Guarda a vigilância de cada um.

Por isso, cruzando beatamente os braços sôbre o ventre, adormeceu a scismar nos insondáveis mistérios dêsse Novo Mundo lendário cujas florestas tragam com crueldade voraz os primos enamorados...

*

* *

A frescura da noitinha acordou D. Elvira do seu sonho feliz. Sonhava que encontrara num bosque americano o noivo prófugo e ingrato a caçar os liões. Que lhe dissera palavras de tal ressentimento que as próprias feras se detinham, melancólicas, a olhá-la, da orla do arvoredo sombrio! Êle, o perjuro, acabara por tomá-la em seus braços, por beijá-la no coração, por lhe dizer com um indiscritível acento de doloroso arrependimento:

—Toma as minhas armas! Mata-me com elas! Mata-me, que é o que eu mereço!

Uma gargalhada vibrante acordou-a do sono vão. Esforçou-se por erguer-se, movendo a custo a pesada massa do corpo.

A maçã camoesa, excitada, dengosa, jogava às escondidas entre o milho com o estudante do liceu, a cada arremetida deixando trincar gulosamente as faces...

A decência impunha agora uma brusca retirada. D. Elvira deu o sinal de partida,

quási vingada, com isso, da desilusão do seu sonho.

A coluna roupeu a marcha para a aldeia. A tarde esmorecia, uma branda tarde de oiro, cálida, nostálgica, aromal. O vale era para a vista um obscuro rasgão rôxo entre dois montes. Nasciam as primeiras estrêlas. Dois grilos romperam a cantar. Adormentava a terra um silêncio de fadiga e de volúpia dôce...

O rancho tomou pela ladeira, buscando a estrada real. Iam todos mudos. Apenas o tropear das alimárias se ouvia sôbre o cascalho. O crepúsculo assombreava as almas da íntima agonia da luz morrendo.

Quando chegaram ao alto, a lua alevantava-se já, escarlate e larga, por detrás dos sobreiros da outra encosta. Passou um carro tilintando guisos. Numa casa distante fulgiram luzes.

Estrada fóra, com a noite, a conversa animou-se.

— Era só a menina querer.. Preciso de casar, palavra! e Crisóstomo espicaçava o seu burro ronceiro com um vime.

Mas o gerico atrasava.

— Arre burro! o que me diz, Mariquinhas?

Nos seus olhos lúbricos chocalhavam libras, e se lhe abrissem nessa hora o coração encontrariam nele, destampado, um cofre de notas de banco...

A rapariga compôs uma evasiva frouxa:

— Preciso de pensar...

— Pense lá como quiser! volveu logo malcriadamente o Crisóstomo. Eu cá espero a resposta. Mas se é lá pelo Romão... menina, digo-lhe eu que faz bem mal!

Na fita pálida da estrada assomavam as primeiras casas do povoado, e sôbre a poeira enluarada uma sombra negra se destacou. Miguel Romão, moído de ciümeira, aguardava a burricada fumando um cigarro, impaciente!

Mariquinhas floriu num sorriso dulçoroso diante do buço amado, — já um burro zurrava de contente, sentindo prestes a alegria de gozar em paz a delícia da mangedoura...

*

* *

Numa sexta-feira à noite, inesperadamente, armou-se um bailarico em certa

casa do Terreiro. O caso foi que entrara lá um rancho de raparigas, e como onde elas estão não faltam os rapazes, logo um bandolim repenicou e meia dúzia de pares se moveram numa valsa agoniante sôbre o ladrilho encarnado, entre um espelho de dourados e um candieiro de petróleo.

Muito engolfado, a um canto, «Mangerico» perdera o viço. Mariquinhas não parecia a mesma, — já não o regava com aqueles olhares líquidos que eram a seiva da sua alma...

Mulheres! Mulheres! pensava o pobre moço. Onde há quem as compreenda?... e lembrava-se vagamente de ter lido algo de semelhante num volume de Camilo.

Estava indeciso e amargurado.

Porque o recebera ela com os olhos chorosos, apertando-lhe com frenesi as mãos?!...

Mas via-a dançar, tão contente como se nada fôra... Depois da valsa Mariquinhas não o procurou conforme era costume... Foi sentar-se no canapé, ao lado do argentino, mas com uma expressão tão constrangida que era notória, como se o acto fôsse de pura obrigação...

Sem inteligência para compreender, diante de tão complicados sucessos, «Mangerico» murchava, ressequido.

— Ora diga... já pensou?...

Esta pregunta insinuante ciciada ao ouvido casto de Mariquinhas pela voz melada de Crisóstomo trouxe ao seu rosto macerado de romântica uma vermelhidão realista...

Era evidente que um rijo combate se travava naquela alma inquieta, entre o sugestivo demónio da abastança e o anjo ideal do seu literário amôr!

Aquele silêncio enfadou Crisóstomo. Tinha (soía dizer) o coração ao pé da bôca. Não era homem para galanteios. Palavrório, não! Precisava de casar, acabou-se! Gostava dela, mas se não fôsse com ela seria com outra, ora adeus!

Os seus olhos traidores, bons peritos na avaliação da carne e osso (fôra moço de talho em Buenos-Aires) já inquiriam da sólida arquitectura de D. Brites, modista a ares na terra, trinta e cinco anos com a explêndida fama dumas pestanas pretas e a manifesta ansiedade de tôdas as suas vísceras pelas delícias do amôr.

Diante das atrevidas promessas que êsse cortinado de pestanas pouco pudicamente velava, Mariquinhas (filha de comerciantes, com um rebate ancestral) teve a visão de que o seu futuro tolamente se perdia. Por isso, quando êle a interrogou de novo pondo na voz o acento das decisões inabaláveis, ela apenas cerrou as pâlpebras com a atitude nobre de quem se imola a uma lei imperiosa, deixando pender, — a materialidade da vida cortando as asas brancas do amôr (dava uma estátua com prémio de Academia) — a face pudibunda sôbre o peito, murmurando: sim! com o íntimo e recalcado esfôrço de quem amarfanhasse a alma e num repelão sublime a pudesse atirar rendida ao cutelo do algoz...

*

* *

Coisas do mundo! Mariquinhas está hoje uma vasta senhora, gorda de consideração e de bens, com a linda felicidade de dois filhos broncos que são tal qual o retrato do pai.

E o «Mangerico», que à míngua de olhares líquidos não medrava, veio afinal a encontrar nos olhos de D. Brites a fonte revigoradora, o regador inexgotável, nunca estanque de amôr...

Vicejou, reverdeceu. Casou com ela!

Disse-me êle depois (e tenho razões para o julgar sincero) que só nessa mulher verdadeiramente achou o grande, o extraordinário amor da sua vida, aquele sonho radioso que desde menino o perseguia e nunca crêra alcançar com uma carne tão rija e umas tão famosas pestanas!

O livro do Destino é muito grande e por isso é vulgar Deus confundir os seus apontamentos, — mas a felicidade dos homens está quási sempre nos equívocos fortuitos dessa escrita mal montada...

O BANHO DOS ALENTEJANOS

MONTE-GORDO é a praia do Algarve preferida pela gente do Alentejo, talvez porque o Guadiana tenha levado até às mais remotas herdades a fama das suas areias brancas e o brando sussurro dos seus pinhais.

O certo é que, mal vem setembro, pequenos e grandes lavradores, e até pobres que não possuem outra riqueza àlém do corpo rijo para o estrafegar das lavouras, aí veem encher os olhos sôfregos da tinta azul e fresca do Atlântico que levaram um ano inteiro, quando não levaram a vida inteira, a sonhar e a desejar.

A gente do povo, que pingoleja aguardente de medronho nas tabernas de comes e bebes e canta, em orfeão, aos magotes, pelas ruas, as doridas e lentas canções da charneca, logo de manhanita, ainda a praia se espreguiça, extremunhada, dentro do seu alvo lençol de neblina, já pasma à beira das ondas, aprestada para o banho.

A madrugada é fresca e a aragem que vem do mar traz um perfume saudável. O oriente cromiza-se: ouro, rosa, cereja... E magestoso, explendente, o sol ergue-se até aos peitos, lá baixo, na foz do Guadiana.

A hora das elegâncias é às onze. A hora dos ricos que fazem da praia teatro de vaidades; a hora das madamas, dos bebés, do pó de arroz; a hora dos flirts, das intrigas; a luminosa hora das meias de seda, dos sapatos de camurça, dos vestidos claros...

É sua Magestade a Frivolidade que passa!

E que lhe importa, à Frivolidade, o mar? Só para ela o casino abre à noite com o jôgo, as damas, e as ceias. O mar não é mais do que um pretexto para êsse largo esplendor da ociosidade. O «pequeno grande mundo» que deslumbra os campónios, não

faz mais do que transportar fàtuamente a cidade para um areal deserto.

Só os olhos simples para os quais a charneca foi sempre o único horizonte vasto, podem surpreender com enternecido amor a maravilha dêsse imenso plaino de água, tão estenso que se perde ainda àlém da voluta do céu...

Como tipo, o alentejano é alto, trigueiro, de suíças espessas. Veste jaqueta. Usa varapau, ou um bambu alto, negro e aos nós, e as calças, mais estreitas nos tornozelos, caem-lhe bambas, mal apertadas pela cinta, sôbre o peito forte das sapatorras cardadas.

De chapeirão braguês descaído nos olhos, ou de chapéu gomado, de cópa baixa e aba direita, leva os dias estiraçado na praia, a namorar enbevecidamente a água, ao largo, e a adormentar-se na canção das ondas sôbre a areia.

Ai, o primeiro dia em que êle viu êsse mar tão lindo, de espumas estalinhantes como anáguas de noivado!

E põe-se a recordar o acaso que ali o

trouxe, quando estava tão longe de o supôr. O acaso,—que póde quási tanto na vida dum homem como a vontade dę Deus...

Vivia num montado, à beira da charneca, forte na sua soledade, sem outras ambições àlém dum trigal mimoso e dumas tiradas de corcha, de maneira a amealhar o que bastasse pra comprar a courela do Zé Grelha que andava em venda e pegava do lado de lá com o seu azinhal.

Vida sàdia, canastro rijo, alma alegre e temente ao Senhor!

—Tivesse êle saúde mai-los seus bácoros, que o resto ia correndo bem, graças a Deus!

Bondava o pão, as salgadeiras abarrotavam de toicinho, os mercados corriam de feição, e com a companha da Bia (que era sua mulher), e do Toi, (um mocetão valente que já manejava como o pai a aguilhada e a rabiça), nada mais queria do mundo!

Se alguém andasse terra em fora, buscando a felicidade, seria ali, entre azinhei-

ras, naquele «monte», sòzinho, onde a iria encontrar.

Um dia, porém, veio a doença. Quando na herdade do Blé Afonso,—a Erinhota, não conhece vocemecê outra coisa...—atirava um molho de pão para riba dum carro, em tão má hora o fez que se desmantalou.

A vizinhança lembrou-lhe mèzinhas. Mas, beberagens ou enxúndias, nada lhe espantava o mal! Chamou-se a benzedeira. Rezada a oração dos flatos e esconjurado o espírito malino, foi acamado de emplastros.

E (o diabo é desandar a roda) cada vez se sentia mais falho de fôrças. Uma molura, uma côr de cera...

Levava as tardes com a morrinha, sentado numa cadeira de tabua, ao pé do malvarisco, a cabeça agazalhada num lenço de mulher.

À boca da noite passavam os ganhões pelo caminho em frente.

Vinham da labuta, suados, escuros, foices na mão. Eram figuras tôscas que se sumiam à quina do «monte» no negrume das azinheiras, e que mais pareciam saltea-

dores de estrada do que homens de trabalho.

Alguns paravam a conversar:

— Salve-o Deus, ti Manuel! Quando é que s'arriba, homem?

— Isto vai malamente, malamente... era sempre o seu queixume.

Certo domingo à tarde os compadres foram visitá-lo: o lavrador do Montinho, o Zé da Joana, o feitor da Lagariça.

Todos abanaram a cabeça:

— Estás na espinha, conho!

O lavrador do Montinho, homem que fizera um fortunão pela guerra, atravessando o Guadiana com cavalos para vender em Espanha, e, segundo vozes, conhecia mundo, acabou por dizer, como entendido, chocalhando os berloques da corrente de prata:

— Compadre Manel, cá na minha, o que o corpo lhe está a pedir, são banhos do mar...

E vendo-o, chupadinho, num feixe, a mirá-lo com um lume de esperança nos olhos, rematou, enquanto enrolava o cigarro, certo do que dizia:

—Mande arrumar a trouxa e deite-se a Monte-Gordo... P'ra moléstias, não há vida com'aquela, rapazes! Banhos do mar... Banhos do mar... É o que lhes digo!

Banhos do mar! O labrostes não fazia uma idea do que fôsse o mar...

Disseram-lhe então que era uma «charneca de água», tão grande, tão grande, que se lhe não via o fim... Era do mar que vinha o peixe que os arrieiros vendiam pelos montes, assoprando num búzio...

O homem das leivas, tendo manducado a vida inteira carne de porco, milhão e trigo, gostava de peixe... Algumas vezes chegara ao seu casebre como iguaria rara, mas salgado e escuro.

O lavrador do Montinho contava-lhe coisas maravilhosas; que o mar era azul, muito azul, e que sôbre essa água azul andavam barcos (palavra que nunca ouvira), na trabalheira da pesca, mais dura do que a sua, porque muitos morriam nela...

—Louvado seja Deus! O que por'i não havia, mundo em fora...

Mas o que o turbou de espanto foi falar-lhe em embarcações enormes, movidas a

vapor, como as que em Vila Real se podiam ver à carga de minério, e que deixavam no céu, quando partiam, uma esteira de fumo... Nessas arcas de Noé se iam de longada aqueles que demandavam os Brasis de fabulosas riquezas, cuja fama lograra chegar à sua solitude num vago sabor de lenda...

E o mar apareceu-lhe logo na sua imaginação como uma coisa fantástica e bela, que irresistìvelmente atraía. E um grande desejo lhe nasceu de vêr o mar...

Foi por isso que nesse mesmo setembro queimante de sol, quando os machos andavam pelos restolhos e o pão enchia já as grandes arcas do celeiro, êle se meteu num carro mai-la mulher e o filho, em direcção ao Algarve, para curar a maleita.

Diante do branco areal, em frente da imensa toalha azul, azul que era um encanto, orlada da renda fina e alva das espumas, o homem das charnecas estacou entre o filho e a companheira, de olhos muito abertos e pasmados.

—O mar! era o mar! Ena, tanta água...

Rijo logo na primeira semana com o ar sadio da praia, os banhos começaram de

enfiada, todos os dias, sem falhas, como os preceitos mandavam.

A côr esverdinhada da doença, foi-se. O saco de pele que lhe cobria os ossos, encheu: engordou. O Toi andava um traga-balas, coiro limpo, barriga cheia, e à Bia passou-lhe de todo a mata-mata dos bacorinhos que deixara entregues aos cuidados da comadre.

Todo o santo dia ali estavam no areal imenso, mudos, extáticos, num ar deslumbrado, ante o divino sortilégio da água. E a não ser num romper de alva em que acordou baço e revôlto, o mar amanhecia sempre azul e risonho, picado de sol...

Arribado, lesto, princípios de outubro, voltou à leiva escura, morto de saüdades.

E dêsse ano ao diante todos os anos, arrecadado o trigo, setembro em fora, o campónio vinha sentar-se um mês a fio, ali, na mesma expressão de pasmo e encanto.

Como êle, os outros.

De manhã cedo, é um bando na praia: homens, mulheres, rapazolas. Os mais abas-

tados trajam jaqueta de astrakan, com alamares. As mulheres usam saia rodada,—saia clara misturada de côres.

E tudo isto se despe ao ar livre, enquanto de pé alguém que se não banha sustém um lençol nas mãos à laia de reposteiro.

Em vez de fato de banho os homens empregam as ceroulas berrantes, de atilhos compridos. Peito nu, dando as mãos uns aos outros, entram na água tìmidamente, quando não vão como crianças,—varões robustos, de suíças grisalhas!—agarrados com temor ao braço do banheiro.

As mulheres vestem amplas camisas de linho, e é delicioso vê-las ao sair da água puxando envergonhadamente o pano que se lhes pega aos rijos corpos, não logrem os curiosos surpreender a linha voluptuosa das suas curvas.

Novamente o lençol se levanta. Daí a pouco, sob a cortina abatida, a criatura resfólega, em montão, na areia, enxugando a pele.

Meia hora depois, ágil, fresca, a rapaziada derriça as moças que se entretêem abotoando ainda as batas de ramagens. Os

velhos sentam-se aos grupos,—na cabeça a mancha vermelha dum lenço, aconchegando o tronco mantas listradas de castanho e branco.

Antes de virem juntar-se ao grupo outra vez na muda e longa adoração das ondas, acocoradas, as mulheres põem os taleigos em arrumo.

São onze horas. Vai alto o sol e enche de ouro o mar. Ao largo passa um penacho de fumo. Um barco à vela, manobrando em frente, é o encanto dos campónios.

Todos os esqueletos das barracas se vestiram de panos.

Soam os primeiros risos argentinos:—trajando côres bisarras, (aves de estranha plumagem), as elegantes chegam à praia em revoada....

O MOÌNHO DO MÊDO

— MAS tu viste-lo?

O interêsse aumentava naquele grupo de homens do povo falando de mêdos à beira do estaleiro.

— Como estou vendo o sol! Mas quem primeiro o viu foi o pobre do Ermo...

Um rapaz da Barrêta insistiu para que contasse, e o velho marítimo, puxando fumaças do cachimbo, correu os olhos em roda para dizer:

— Ora o caso foi assim... Já lá vai quási um ano que o Alcaria morreu, mas o pobre não sabia o sucedido. Um solposto trovou abertas as portas do moínho. Ache-

gou-se, pedindo uma malga de milho. O Alcaria estava assentado num mocho, com os olhos acêsos como fogueiras... Com o bordão tocou na porta três vezes.

Nisto o moleiro dá um berro que fez tremer a casa e dum pulo fica a espojar-se no chão... Uivava como um lobo! O pobre deu em correr, mas as portas bateram com tal estrondo que era já noitinha fui encontrá-lo na praça esvaído com mêdo.

Um arrepio de pavôr correu a assemblea.

—Não fiz caso de maior do que êle me contou. É um tanto amalucado, e cuidei que ali andava coisa de imaginação... Mas faz terça-feira oito dias tive um serviço para lá do moínho, e, homens! o que vejo?!... A porta aberta! Não sou pessôa de mêdos... Lembrou-me o caso do pobre do Ermo, é bem verdade, mas, eu sei cá? não dei tento! É obra do vento, pensei. Demais, estava-se à meia tarde, fazia um sol de rachar, e, não sei porquê, estas coisas de mêdos só veem à cabeça quando a noite escurece...

—E depois, ti Rôla, o que assucedeu? preguntou de olhos brilhantes o môço da Barrêta.

—Ora o que assucedeu... Só queria que lá estivesses, homem!

Assomei-me, e o João da Alcaria apresenta-se-me na frente, orelhudo, feio e marreco como em vida o conheci!

Fiquei sem pinga de sangue. Trabalhavam as mós... Abrenúncio! disse. Dei um passo atrás, e benzi-me.

—Deu-lhe algum uivo, ti Rôla? perguntou uma voz pávida.

—Qual! Assim que tracei o pelo sinal, um estoiro rebentou por debaixo da terra e só vi fumo à minha volta!

Ninguém fez uma objecção à tenebrosa aventura. Nenhuma das pessoas presentes gostara de João da Alcaria enquanto vivo. Tinha a cara ossuda e longa; a cabeça quási calva. O corpo parecia o dum anão, O que mais o desfeava, contudo, eram as orelhas despegadas do crânio, pendidas, muito grandes.

Diziam-no lobisomem,—e quem lhe reparasse bem nas mãos, por fôrça lhes havia de notar os calos grossos que lhe inchavam os dedos...

*

* *

O moinho era um velho e solitário casarão. Ficava numa ponta de terra, sôbre o mar, e moía com a fôrça das marés. O sítio era triste, a casa quási uma ruína. Os marítimos, quando iam à noite para a pesca e lhes acontecia passar perto, na maré vazia, demandando as canais mais fundas, contavam histórias singulares:—do velho pardieiro saíam vozes, e às terças, quando soava a meia noite, três vezes uma luzinha corria os cantos do telhado...

Daí proveio que o povo se desse a designar aquela casa sombria e sòzinha por êste epíteto macabro: «O moinho do mêdo».

Mas, voltando ao João da Alcaria, ninguém o vira na igreja uma só vez; algumas pessoas se lembravam mesmo de que nunca tirava o chapéu às procissões. Se bebia, tomava geitos de bruxo, traçava sinais estranhos, falava com o sol, compunha misteriosos círculos na poeira rodeando corações.

A freguesia fugia-lhe apesar do bom trabalho. Aconteceu porém que desapareceram duas crianças no campo. Alguns atribuíam o caso a roubo dos ciganos, mas o que se propalou e teve foros de verdade, foi que o Alcaria as matara para, como um vampiro, lhes sugar o sangue.

Certa manhã de nevoeiro encontraram-no enforcado na trave grande do tecto. Isto, que era o bastante para dar ao casebre uma memória maldita, foi uma pequena história de pavor onde a lenda buscou assunto para largas digressões.

E por môr destas histórias, outras histórias vieram...

Um homem antigo lembrou a aparição de Floripes, a moira que em noites de vendaval se vê com uma candeia à Fábrica Velha. Olhára-a êle, com aqueles olhos que a terra havia de comer! Poisara a candeia em terra e com um pente de oiro penteava os cabelos... Todos sabiam que se alguém, mais afoito, seguisse Floripes quando ela oferecia grandes tesoiros para a desencantarem, logo o mar se abriria e quem lá fôsse, já não voltava mais...

Êste depoimento do velho causou por isso estranha impressão.

Uma mulher do mercado contou então o que lhe sucedera também dez noites atrás.

Seria meia noite, ia ela para casa, quando num portal ouviu uma criança chorar. Era um menino! Condoída, tomou-o ao colo.

—Quem é tua mãe, menino? Onde mora tua mãe?

Vai os olhos do menino (que eram muito grandes), começaram a luzir, a luzir, e o corpo pequenino pesava, pesava, que já não podia mais!

Teve um rebate... E traçou o sinal da cruz, arremessando com o pesadelo ao chão! Soou um estampido, um clarão quási a cegou... Não, não era outro senão o Menino dos Olhos Grandes, de que já falava a sua avó!

A notícia dêste «encanto» vinha de eras bem remotas. Um homenzinho ruivo, das armações, sabia até como o milagre se quebrava,—por ter ouvido aos antigos...

—Ás quatro estradas há uma lágea grande; ao dar da meia-noite está um sapo

debaixo dessa lágea grande; quem apanhar o sapo e lhe abrir a barriga, há de encontrar-lhe dentro um canivete de oiro; sangrando o Menino no pulso com o canivete de oiro, acabará o encanto, e a pessoa que o fizer ganhará um tesouro...

Alguns pescadores lembraram ainda a Procissão dos Fieis Defuntos. Uma sineta anuncia o fúnebre ritual ao embocar das vielas, uma sexta-feira em cada ano. É um sinistro cortejo de sombras... Quem ouve a campa, morre-lhe alguém dos seus; quem vê a procissão falece nesse ano!...

*

* *

A lenda do Moinho do Mêdo ia-se assim formando à custa de outras superstições.

Dobaram anos, e viandante algum se aventuraria a passar de noite perto do moinho, onde por vezes, (dizia-se), fuzilavam lumes...

Pela feira de Santa Iria houve um crime no casal duma horta.

Uma velha amanheceu retalhada, o dinheiro escondido entre os colchões roubado.

Nessa mesma noite o rendeiro desapareceu. E ainda hoje ninguém sabe explicar ao certo porque foi encontrado o seu cadáver à porta do casebre onde o João da Alcaria se enforcou, com a cara numa pasta, três dias decorridos após o crime bárbaro, em certa manhã de chuva.

Um dia (estava-se em maio), ao crepúsculo, o céu toldou-se repentinamente: nuvens grossas, como pedregulhos, mostravam os cimos brancos de neve entre charcos de sangue e oiro. Era tôda uma paisagem do averno, com fogueiras, negridões e um desenho tumultuoso de rocas depois de grande cataclismo. Uma trovoada desabrida estoirou de chofre, sem aguaceiros, sem ventos. O calor pesava como chumbo.

Acenderam-se velas a Santa Bárbara na igreja e nos oratórios. Relâmpagos soluçavam por detrás das cumiadas alvacentas, estreloiçavam trovões, e na calçada, diante da capela acesa de Nosso Senhor dos Aflitos, mulheres oravam, chorando, de bioco pen-

dido, pelos barcos que andavam nas águas do mar.

A ria era uma furna tenebrosa onde as faiscas se estorciam como cobras de lume. Um ronco maior expluiu, um raio abrasou a decoração fantástica dos horizontes, e então o moinho apareceu a arder no bulcão, como um archote monstro.

As gentes seguiam de longe, com terrôr, o convulso ondear da chamas, e na maré vazia a água dos charcos espelhava as labaredas, multiplicando-se em vivas fogarelas.

O velho pardieiro aluiu alfim sôbre a areia, — e logo a tempestade se desfez na amplidão do céu.

Nuvens formidáveis, tenebrosas, compactas, corriam no espaço, a galopar. E entre elas assomou o marfim da lua nova, e ao seu clarão de morte o mundo parecia agora uma paisagem espectral e desolada.

Desde essa hora singular, a história do Moinho do Mêdo foi para todos, verdadeiramente, uma história de pavôr...

A LENDA DO PEGO ESCURO

—FICAS de guarda às vacas até que eu torne do mercado!

O lavrador, montado numa égua, dava ordens a um dos almocreves da quinta, tocando com a ponta do chicote os poldros que ao redor pinchavam contentes do sol.

Ia vendê-los, o gado corria a bom preço nas corredoiras.

Picou a montada com as esporas, mas estacou pouco adiante para recomendar ainda:

—Cama de palha fresca, ração bôa... De manhanita, leva os bois para a pasta-

gem, ouviste? O servo prometeu cuidar afanosamente das ramadas.

— Está dito, patrão! Ficam à minha guarda.

A égua sacudia a cauda comprida e lustrosa, e num trote certeiro alcançou a estrada sôbre cuja poeira branca os poldros espinoteavam e corriam.

Lá ao longe, o cavaleiro ainda se voltou para acenar à mulher que o seguia com os olhos, da varanda caiada.

A tarde escoava-se, fluìdamente, pelos montes e campinas. Calaram-se as enxadas que rasgavam a terra. Passaram rebanhos chocalhando guisos. As andorinhas revoavam sôbre os beirais. E um rouxinol rompeu a cantar numa sebe florida...

O campo entristecia, emmudecia. Era uma mancha de veludos sombrios, enrugados de roxo, onde os serros se alevantavam nítidos no céu de limão.

No páteo, em frente da casa, entre cães e sacholas, os homens de trabalho enrolavam cigarros de tabaco forte, falavam com vagar do tempo, que prometia, e das colheitas futuras.

Assim a noite se arqueou muito estrelada sôbre a terra dormente, e o servo, comidas as sopas na cozinha ampla, se foi caminho dos estábulos para repousar, enfim, sôbre uma golpelha de palha, do dia trabalhoso e longo.

Revistou as mangedoiras: transbordavam de aveia e fava. Desde a tarde parecia que a vaca malhada lhe não tinha tocado. Isto admirou-o (estaria o animal doente?), mas o sono pesava-lhe nos olhos e foi-se acamar a um canto. Não cerrara as pálpebras de todo quando um rumor o sobressaltou. A vaca malhada dava puxões fortes nas correias, quebrava as peias que a travavam, e escapulia-se cautelosamente pela porta do curral.

O almocreve ergueu-se dum pulo para ir cercar o animal, mas um receio o tomou: nas noites de inverno repetem-se muitas histórias pelas lareiras e alguns casos ouvira sôbre animais que altas horas sáem das ramadas procurando arvoredos e ribeiras onde se transformam em moiros e moirinhas, e às vezes em lobisomens. A sua terra estava cheia de «encantos». Hesi-

tou em cercar a vaca; mas depois de pensar decidiu-se a segui-la.

—O que fôr soará! encorajou-se. E pôs-se-lhe na pista... Apenas teve tempo de se esconder entre os olmeiros do caminho. O animal tornava à mangedoira, com o ar pesado de fartura, e de manhã pôde verificar (depois duma noite de insónia) que a vaca volvera a enlear-se nas correias, que as cordas que lhe atavam as patas estavam de novo amarradas, e que a ração não bolira.

Isto trouxe-o inquieto durante o dia, mas nada disse sôbre tal. Quando a noite tornou a cobrir todo o vale, salpicada de estrêlas, o almocreve tinha posto tenção de a espreitar e seguir.

Depois da ceia, foi observar o gado, conforme era costume. Teve o cuidado de reforçar os nós, e ficou à espera, no escuro, puxando fumaças do cachimbo... O sono apertava com êle, estava quási a dormir. Não teria passado uma hora quando a mesma vaca se desembaraçava de entraves e se metia a caminho... Seguiu-a rente aos troncos, por debaixo dos ramos. Fazia um

luar claro, e sôbre as ervas as folhagens desenhavam filigranas de sombra.

Os montes eram azuis; as casas, brancas de cal, luziam como clarões.

Vagarosamente, o animal encaminhava-se para o pomar, tornejava a horta, descia ao fundo do vale, fazendo ressoar no silêncio côncavo da noite as pancadas das patas esmagando o chão.

O campónio continuava-lhe no rasto. Começaram a surgir à beira do caminho piteiras estendidas como garras, oliveiras escuras. Perto havia uma enorme poça de água. Estava no Pego Escuro, sítio de fama ruim, por môr de aparições...

O mêdo voltou-lhe. Desatou a correr para as ramadas, com um formigueiro a tomá-lo na raiz dos cabelos! Quando chegou à rua dos olmeiros ia esbaforido...

Sentou-se numa pedra, sem ânimo de fugir à amiga claridade do luar, o coração a bater-lhe de pavor.

Era quási manhã, quando a vaca voltou, muito farta. Chegou à mangedoira, e logo cordas e correias apareceram enleadas nos chifres e nas patas.

Por sorte o patrão voltou do mercado nesse mesmo dia, porque o servo estava disposto a não dormir mais junto do gado.

—Essa é boa! Tens medo? Gritou-lhe o lavrador a rir. Pois esta noite durmo eu nas ramadas e hei de seguir a vaca!

Assim foi. Mal ceou, disse à mulher que se fôsse deitando que êle ia tratar dos animais.

Correu as mangedoiras, alumiando-as com o candieiro de lata onde a torcida de azeite quelme fumava. Todos os animais tinham comido da sua ração. Só a vaca malhada não tocara no feno! Por precaução atou-a com um nó forte e deitou-se, a esperar.

Cansado da viagem, o sono acabou por tomá-lo, mas a portada, rangendo, fê-lo pôr-se em pé dum salto. A vaca ia a sair, encalhara no ferrolho, e já enfiava rente aos olmeiros quando êle deitou a correr para a seguir.

Como na noite antecedente, o animal encaminhou-se para o Pego Escuro. O lavrador era homem afoito, e ainda que o sangue lhe começasse a girar com mais

fôrça nas fontes, não deixou de observar o que se passava naquele sítio sombrio. Acocorou-se por detrás duma moita de carrascos, de olhos abertos para a mancha lívida da água que escorria luar.

Quando a vaca chegou à margem do Pego as águas abriram-se ao meio, deixando diante dela um vasto caminho a descer.

Mal entrou, a grande massa líquida tornou a juntar-se.

A-pesar-de pouco medroso sentia suores frios, já se arrependia de ter ido até ali, temia o quer que fôsse de sobrenatural que não desejava ver. Todavia, esperou. Tempo passado, um rumor correu o Pego, a água mexeu-se, tilintando, e a vaca, completamente enxuta, seguia o caminho percorrido, enquanto uma voz dizia ao lavrador apavorado:

— Torno-te a vaca pejada! Há de ter dois bezerrinhos: um moirato, outro estrelado.

Na noite de S. João, quando tiverem um ano de nascidos, junge-os ao arado, e traz--mos aqui.

Desde êsse dia tu serás muito rico, mas toma cuidado não veja alguém o leite da

vaca enquanto ela criar, porque se alguém o vir é certo que perdes tudo quanto hoje tens de teu!

Dessa hora em diante foi o lavrador em pessoa quem tratou das ramadas. Dormia lá. Não deixava um instante os animais. A vaca malhada (tôda a gente o percebia) tinha porém o melhor dos seus mimos...

Friorenta, só no catre nas compridas noites de inverno, a mulher, dolorida, dava-se a pensar no afan do marido. Estava mudado, o seu homem! Usava duns mistérios que a deixavam transida. Irritava-se pela pregunta mais chã. E esta inquietação aumentava de dia para dia... Tinha ciúmes, a pobre! Já desconfiava da Joana, boieira...

Rodaram meses. A vaca pariu dois bezerros, conforme a voz do Pego predissera. O lavrador redobrou de cuidados. Aquele segrêdo era uma brasa a arder-lhe no coração. Proïbiu que se achegassem aos currais. Despediu o almocreve curioso que lhe narrara o «encanto», tomando como motivo um pretexto qualquer... Houve até quem muito a sério desconfiasse do seu juízo!

Certo dia, um serviço urgente forçou-o

a sair da quinta. Esforçou-se quanto pôde para se descartar da tarefa. Tudo em vão!

Em face disso resolveu chamar a mulher, como pessoa mais íntima, e pedir-lhe que tomasse ela à sua conta a guarda do gado. Confessou-lhe tudo: aquele sigilo já lhe pesava no íntimo em demasia!

No final de contas, quem melhor para guardar um segrêdo nosso do que a nossa mulher? Esta idea tranqüilizou os seus escrúpulos excessivos. E lá se foi ao serviço inadiável confiado na perseverança da sua companheira...

Ela acedeu a tudo, quási maravilhada do que ouvia, acalmando de vez a suspeita de que o marido dormia na cabana com a Joana boieira. Mas mal o homem partiu, considerando melhor no caso, achou-o maluco e acabou por se rir:

—Ora agora vou experimentar a ordenhar a vaca! Sempre quero ver o que me sucede...

Arregaçou as mangas, tomou um púcaro de barro côr de mel, vidrado, e foi ao estábulo.

Sentia-se indecisa, não obstante. Receava não sabia o quê...

—Quem lhe dizia a ela que não era verdade?...

Os bezerros, de olhos doces, roçavam-se pela mãe, buscando com os focinhos côr de rosa as tetas prenhes. A vaca movia o rabo contente a um lado e a outro, por sentir perto de si as crias. Por vezes coçava-se no lombo com as hastes recurvas.

Nada de extraordinário ali havia... A mulher do lavrador decidia-se:

—Fôsse verdade ou não fôsse, sempre queria experimentar! e aparando em baixo o púcaro, de maneira que o leite chiava caindo-lhe dentro, ordenhou a vaca com o prazer diabólico de satisfazer um capricho em que bolia o destino.

O leite corria tépido e cheiroso. Apeteceu-lhe bebê-lo, mas um vago temor deteve-lhe os braços... Foi a um monte de palha, e levantando um punhado, lançou-lho dentro.

Como as mãos lhe escorressem, ao passar pelo moirato limpou-lhe os dedos no pêlo.

Quando ao entardecer o lavrador voltou ansioso, a companheira fiel tranqüilizou-o!

—Só ela ali estivera, ninguém mais! Nas vacas, nem tocara! Jurava-o pela sua alma! Deus que tudo sabia, estava a vêr lá dos céus como era pura a verdade!

*

* *

Dobaram meses. Os bezerros cresceram, foram para os pastos. Chegou o S. João. Tinham feito um ano de nascidos. Ao dar das doze badaladas na noite santa, muito pálido, o lavrador estava à beira do Pego Escuro com os bois jungidos ao arado. As águas abriram-se devagar... Os animais entraram por elas ao diante, até ao fundo mais fundo do Pego. De repente estacaram. A fôlha do arado raspava o chão, encravava-se num enorme caixão de ferro. O lavrador via tudo claramente porque nessa noite a água era um puro cristal... O cofre bolia, tilintando oiro! A um safanão mais rijo a tampa abriu-se: a arca estava cheia de moedas. Mãos de neve tornaram

a fechá-la, enquanto uma voz (a mesma que há um ano se lhe dirigira) bradava angustiada:

— Anda, moirato! Fôrça, moirato!

O moirato retezava-se no esfôrço inútil. Fraquejava, mugia, arquejava, até que afocinhou nos calhaus...

Então ouviu-se um grito de desespêro:

— Ah, ladrão! ah, ladrão! que me dobraste o encantamento! Viram o leite da vaca... Perdêste o meu tesoiro, e hoje mesmo te dou fogo à fazenda!

Ouvindo isto o espantado homem fugiu pelos campos fora com mêdo daquela voz. Os bezerros ficaram afogados no Pego. Clarões sangrentos alumiavam o céu do lado de lá das colinas: o casal ardia em labaredas altas, as searas ondeavam sob as torrentes de fogo, os cavalos, os poldros, o gado vacum, os rebanhos, tinham quebrado peias e redis e corriam desbocados pelos montes.

Trabalhou em vão até de madrugada com os almocreves da quinta para acalmar o fogo... Foi inútil! As chamas só se cançaram de devastar e bramir quando arbus-

tos e casebres não foram mais do que cinzas.

A mulher chorava desgrenhada, e arranhando o peito e o rosto, maldizia da sorte.

Ouvindo-a, o lavrador, sombrio, continha as injúrias da raiva. Todavia, lá no íntimo, jurou à fé de Deus que não mais teria um segrêdo que revelasse à mulher...

A FESTA DO «MAIO» EM LAGOS

O Algarve sempre recebeu com gala o lindo mês de maio, — já abrindo sôbre a terra um grande céu azul, já revestindo o chão de ruidosas côres.

No dia trinta de abril, à noite, pessoas amigas oferecem-se rôlhas de cortiça ornamentadas com raminhos de papeis brilhantes.

Estas rôlhas destinam-se, irònicamente, a impedir que «o Maio entre»... E mal a primeira madrugada do mês que os romanos consagravam a Apolo desponta sôbre os cêrros e o mar, é de uso saudá-la em alvorôço, gulosamente comendo figos sêcos e bebendo copinhos de aguardente.

Já então, sôbre as varandas, voltadas para o sol, se erguem «as maias», bonecas de trapos cujo esqueleto são dois paus cruzados ou a cana amarelida duma vassoura, lenço ao vento, cara alvar, e, segurando o lenço, um chapéu de feltro afestoado de papoulas.

Êste festivo ritual por certo deve provir das remotas eras pagãs, pois nada tem que vêr com a moderna comemoração operária. Nêle, há, tão sòmente, a exaltação da Côr e da Luz.

Na minha terra toda a gente sai para o campo nêsse dia, jantando à beira das fontes, debaixo dos arvoredos.

Quando eu era lá e o sol rompia, minha mãe entrava-me alegremente pelo quarto dentro, escancarava as portas da janela, e servia-me numa bandeja, pontualmente, a fruta e o licôr votivo.

O sol brincava nos verdes parreirais do quintal, atravessava-os de lado a lado, deixando nas paredes brancas uma fresca renda luminosa. Nos alegretes amanheciam flôres, arômas brandos balsaminavam o ar; mais longe, sôbre as ameixeiras, revoavam

gárrulos pardais. O pilão da nora martelava rìtmicamente na alvorada louçã.

Meia hora depois eu brincava com outros garôtos da minha idade entre os grandes girassóis que bordavam o caminho do tanque, compunha tricornes de papel, passava um fio pelas corolas dos mal-me-queres amarelos colhidos numa alcôfa, tecia com o seu oiro braceletes, colares, cobríamo-nos todos com estas insígnias da primavera,— e assim corríamos, travêssos e contentes, atrás das borboletas.

Mas em Lagos, cidade antiga, êste louvor geral a Apolo, Deus da Luz e da Poesia, tomara outras proporções. Um homem exòticamente vestido, recoberto de joias, montava um cavalo, passeando nêle praças e ruas, entre aclamações e músicas.

Esta figura colorida e grave como um ídolo representava a alegria da terra fértil e a sua riqueza. Todos os corações religiosamente a veneravam,—como uma materialização deísta naquelas horas transfigurantes de azul e de sol. Êsse homem encarnava o «Maio». E era pelas promissôras belezas e opulências de maio que tal símbolo vivente

tinha o seu culto irrevogável, e que toda a cidade, desde a vetusta Porta de Portugal à Baía magnífica, se aglomerava nas sacadas e vias, entornando açafates de flôres, rindo, cantando, bailando. Mas o tempo tudo mata. Tornou-se ingrato o papel de «Maio» porque, diante de alguns escárneos, se radicara a suspeita de que era ridículo. As raias mancharam, aqui e àlém, as aclamações triunfais. Substituíram por vezes a gentileza das flôres, batatas e hortaliças. Assim os deuses morrem...

Tal míngua de crênça levou a cidade de Lagos a não festejar o «Maio» durante três anos consecutivos, e Apolo, sem essa litúrgica adoração periódica, fôra pouco pródigo em dons para as messes e pomares, de maneira que a ideia de reatar a tradição interrompida se levantou em todos os ânimos como coisa forçosa e inadiável.

Assim, nas vésperas do grande dia, cheia de fé antiga e do antigo ardor, Lagos prometia engalanar-se de feição condigna.

Na manhã do dia um, segundo a velha usança, toda a gente tomou as suas joias e as levou à Praça para que com elas se en-

feitasse magnìficamente a montada e o cavaleiro.

Do pescoço do animal pendiam corações e cordões de oiro que lhe enredavam as orelhas e o peitoral, entrelaçados com espigas e papoulas. Rebrilhava-lhe a garupa com a escorrência de joias cujas pedras lampejavam dentre a trama hábil de mal--me-queres do monte. Envolvido numa túnica azul, o cavaleiro erguia nas mãos uma lira de flôres, e sôbre o peito, e nas costas, uma copiosa profusão de diamantes, de rubins, de coleantes cobras de oiro, formava--lhe uma couraça digna de a usarem deuses.

A cidade tornava fervorosamente ao culto do «Maio», e já pelas sombras da Praça tocadores sopravam anafis e mulheres do povo rufavam nos pandeiros.

Na testa do cavalo, larga e explêndida, scintilava uma estrêla de prata, e o cavaleiro mergulhava a cabeça num capacete que lembrava o de Minerva, estriado de mil côres.

Desfilou o cortejo. Eram três horas. O sol faülhava nos mamilos de água, inchados no peito do mar, por toda a Baía.

O céu mostrava o azul mimoso e amplo de certos frescos gregos. Das varandas escorriam colchas de seda; por detrás dêstes balcões assomavam mulheres esbeltas, graciosas, cheias de claridade. E as flôres, atiradas de alto, pareciam tombar do céu como uma chuva de maravilha, benéfica e doce, sôbre o «Maio» triumfal, rico e resplandecente, marchando entre descantes, nas calçadas, sob a glória do sol.

O cortejo meteu aos campos para com a presença do símbolo venerado a Natureza aconchegar melhor ao seu amôr as sementes e as raízes.

Gente do povo dançava à frente bebendo licores e cantando, e os tentilhões, e os melros, e os pardais, saltando de árvore em árvore, juntavam o seu hino a este rumôr litúrgico, e ouvindo-o, a água dos ribeiros embebia-se com prazer mais fundo no húmus úbere, louvando também pela linguagem dos seus murmúrios argentinos a fôrça, a beleza, a riqueza do mês querido de Apolo.

Nas sombras frígidas dos pomares onde as nespereiras desenhavam, carregadas de

frutos, as suas silhuetas japonesas, os laranjais, balouçando as laranjas derradeiras, desdobravam já as suas corolas brancas, e delas, ao passar, se desprendia um perfume subtil, como se na grande festa pagã fôssem os artísticos turíbulos. Campainhas silvestres, roxas, alvas, lilazes, moviam-se, agitadas pela aragem, e das suas campânulas frescamente escorria o orvalho da noite.

Um cheiro a ervas novas passava, em lufadas, nas asas de oiro do sol, e as seáras ondeavam como se p'lo cabelo fulvo da Deusa Terra passassem os dedos longos do vento. Papoulas sangravam como feridas entre as sebes, pelos caminhos, — chagas abertas nos verdes pelos pés dos caminhantes.

Sôbre o alazão refulgente, metido na couraça de joias, em mostras de riquezas; recoberto de espigas um sinal de abundância; atulhado de flôres em evocação de beleza, o «Maio» atravessava as várzeas produtivas, transpunha atalhos onde as amoras se apercebiam rubras.

Voltara a velha fé exuberante: os corações batiam ao ritmo da alegria, alagava as bocas um riso scintilante.

De mar a monte a vida desdobrava-se vitoriosa na gama prodigiosa dos verdes primaveris.

Nesta volta demorada, ao cortejo deparou-se-lhe a estrada real, longa e soalhenta, deitada entre campinas.

Já a onda humana se lançava, cantando, nêsse branco rio de sol... Mas (porque será?!) o cavaleiro, abrutamente, mete esporas ao cavalo, e o alazão soberbo, ajaezado de oiro, espuma, empina-se, escarva o pó desfecha num galope cego em direcção à serra.

Olhos sôfregos seguiram a corrida. Ao longe, na poeira, o vulto sumia-se no recurvar da estrada...

Gente alegre folgou deste simulacro de fuga, mas, tendo sido esperado em vão durante todo o dia, as maldições soaram!

Aquelas joias, aquele oiro que sempre voltara intacto à posse dos seus senhores, tinha-o o aventureiro sacrílego levado para nunca mais...

Descia o crepúsculo roxo quando entraram desiludidos os muros da cidade. Ainda alongaram o olhar estrada fóra. Como a

noite descia, todas as sombras lhes pareciam o cavalo, até que a noite, mais negra, devorou as sombras...

Lagos cobriu-se de cinzas e rasgou os mantos como os hebreus nas calamidades bíblicas. Uns choravam as joias, outros a desgraça civil.

Desde então, aí, ninguém mais falou do mês de Maio. É «o mês que há de vir», é «o mês em que estamos» é «o mês que passou»... Denominá-lo, nunca! Seria relembrar o sacrilégio cometido contra a sua fé e o roubo ignominioso dos seus haveres.

Mas ainda hoje há quem na manhã do dia um não abandone a Porta de Portugal com a secreta esperança de que o «Maio» voltará,—como aqueles que no alto de Santa Catarina aguardam tontamente El-Rei D. Sebastião.

O ídolo, o «Maio» ladrão, não voltará por certo... No entanto, o maio pródigo, amigo das searas, das flôres, todos os anos volta,—e cada vez mais rico, e cada vez mais lindo, e cada vez melhor patrono da cidade de Lagos!

OLHÃO, VILA CUBISTA

I

VISTA do alto duma açotea a arquitectura do Olhão surpreende-nos pelo seu aspecto bizarro, — aglomerados de superfícies brancas e polidas chocam-se, interceptam-se, sobrepõem-se, embaralham-se a capricho, como cubos de cartão.

Talvez mais pelo comércio intenso com Marrocos do que pelas ancestrais reminiscências árabes que muita gente lhe atribui, Olhão, vila moderna de pescadores, adquiriu um carácter curioso.

Desvanecidamente eu amo essa miragem do país berbere! Olhão enche do deslum-

bramento da sua cal a rir ao sol o meu coração algarvio, vestida de branco como uma noiva da branca espuma do mar!

A vila cubista, Olhão!

O sol queima nas vielas marroquinas, levanta o mosquedo inquieto das águas negras das valetas, fere os olhos e adoece-os no reverbero das paredes. Dos escritórios escancarados sái o tic-tac monótono das máquinas de escrever; carros de carga rolam brutalmente nas calçadas; mulheres de biôco passam misteriosamente; e de todo êsse emmaranhado labirinto de travessas e becos, um sagrado rumor de trabalho borbulha, feito de mil ruídos dispersos, como uma melopeia dormente sob o clarão vigoroso de junho que pôe nas asas dos moscardos tontos estranhas vibrações.

A tarde desce em oiro e azul sôbre a casaria alva, como um rico tapete oriental.

Subo a uma açotea, ao púlpito do mirante finamente lançado para o alto, ainda além da açotea, e tenho diante dos meus olhos a cartonagem de Olhão onde a luz adormece sob um delicado *abat-jour* de seda clara...

Os pinheiros de Marim, doirados pelo sol, lembram os versos de João Lúcio e falam de antigas lendas de moiras. Corcovado e roxo, o Serro de San Miguel tem um ar extàtico de scisma, ao cabo da campina semeada de chalets. E o mar, sempre presente em todos os corações e em todas as pupilas, arfa devagar, levando no dorso das ondas brandas barcos de velas brancas que vão à pesca.

A luz sangra: oiro, vermelho, violeta. O poente recorta em brasa a silhueta aéria e rítmica da vila. Uma cúpula esbelta completa o scenário oriental. Sôbre a tinta líquida da água gaivotas descem em bando como malmequeres desfolhados.

A todo o momento eu espero vêr no mais alto terraço a silhueta do muezzin de mãos espalmadas para Meca, numa ondulação de roupagens, e ouvir, repercutida no puro cristal do ar, a sua voz repetir gravemente ao mundo que adormece que só Allah é grande e Mahomet o seu Profeta.

Estrêlas cáiem no céu como lantejoulas dispersas. A tarde empalidece. No ar morno uma cegonha, sem um movimento de asas,

voga, boia, até que a noite, fosforejante de oiros, se abate como uma colcha rica sôbre o incêndio do poente. Na linha do horizonte apenas uma brasa arde e um leve fumo cinerário se desprende subtil...

Distingue-se já a boia luminosa brilhando intermitente à tona de água, e a chama do farol do Cabo parece o sol a ensanguentar um vidro.

Nos mirantes há vultos que se embebem no mar: a côr azul das ondas é o sonho, a esperança e a saudade de Olhão.

Na Igreja do Rosário o farolim verde abriu o olho extremunhado e prescruta o longe.

Uma claridade doce empalidece os astros: a lua rompe sôbre as águas mansas e envolve em musselina o corpo lilaz da Noite.

Agora tremeluzem fogachos no descampado do mar. O pinhal de Marim é uma mancha sombria. Sob a branca luarada o San Miguel adormeceu...

II

O sol vai alto, luminoso e triunfal.

Sob a chuvada fulgurante desta luz da manhã, a ria, muito azul e quieta, rebrilha, scintila, ondeia como seda desdobrada, como se fôsse de cetim. Rebocadores apitam; passam galeões. No cáis a sineta da lota tine, e na barcaça velha onde a meio da ria se vende o pescado, já é grande o borborinho.

Pela rampa calcetada segue um cavalo para o banho. Ao molhe atracam botes. Homens descalços descarregam sardinha em cestas de vime, passam-nas de mão em mão, até ao carro, onde se empilham. Ás vezes um brado corta o ar lentamente, arrastado, com a monótona toada aprendida no mar. Garotos nus brincam na água, empoleiram-se nas catraias e nas guigas, atiram-se de mergulho até encontrarem as lamas do fundo e trazerem nas mãos punhadas de cepa tombada nas descargas.

Saem «companhas» do cáis. Que formosa tela para um pintor! Bonés grossos, de côres, camisolas de flanela, em xadrez, com arranjos decorativos, meias de lã branca esbeiçando-se das botas à joelheira, reluzentes de cebo...

Entre os remos estendidos, sôbre as cordas enroladas, côdeas loiras de pão, uma bilha de aguardente, farneis embrulhados em jornais, o garrafão de vinho, e as infusas de barro vermelho, frescas de água. É uma dúzia de homens vigorosos, de pulsos grossos e pele queimada. Uns fumam, outros remam ou agitam nas mãos calosas frutas de côres vivas. Eis um motivo formidável para tentar um *panneau!*

Na soleira dos mercados, estendidos de borco pelas lágeas, marítimos dormem na lazeira do álcool.

As casas da vila branca resplandecem de cal, com seus mirantes altos e açoteas claras onde há roupas a secar.

As «sereias» das fábricas businam.

São onze horas. É um delírio de luz, duma luz de oiro fluido e cantante que se aveluda no azul do firmamento, que brinca

nas manchas alacres dos trajes, que explude nas bandeiras de côres intensas das fábricas, e retine, como um clarim, na alvura puríssima das varandas e na banzeira ondulação da ria.

Os mercados com seus torreões de tijolo vermelho dão-nos a ilusão de que chiam debaixo da soalheira, como duas gigantescas brasas. Diante dos largos portões debruados de ferro, mulheraças de lenços berrantes vendem bugigangas,—louças de Moncarapacho e de Loulé, vassouras, capachos, palmas, ceiras regionais, dôces de coloração viva. Os estabelecimentos dos flancos penduram às portas chailes alegres, retalhos amarelos, encarnados, lilazes, chitas frescas, salpicadinhas, portuguesas, meias grosseiras de tinta exótica, boinas e chapéus.

Na praça do peixe, em redor dos tampões de pedra donde escorre salmoira e água agita-se o povo barulhento, entre pregões e ajustes, nauseado num cheiro acre que entontece.

Criadas donairosas, em cabelo, conversam com capotes negros; donas de casa

regateiam preços; cavalheiros graves, de maleta na mão, percorrem os taboleiros, entendendo que a economia está no bom senso das suas compras...

E a multidão fala, barafusta, grita, cega para a beleza, vendo apenas a necessidade de jantar, sem se deter um instante a admirar os salmonetes e os gorazes de nácar transparente, aristocráticos como peixes de jardins, as sardinhas, línguas de prata onde o sol reluz, os chocos, corações estilizados com os tentáculos imitando a chama simbólica da Fé.

Rapazes madraceiam aos grupos pelas vendas da praça. Trazem a véstia dos domingos, lenço de seda abafando o pescoço, no nó do lenço um alfinete de ouro, e entre a camisa e o colete as pontinhas entaladas.

No mercado de verdura, para proteger a frescura das frutas e da hortaliça há enormes parassóis abertos, mostrando na amplidão alvacenta o caprichoso arabesco dos remendos, sob o clarão quente do sol despejado do azul pelo tecto envidraçado.

Sôbre rábanos que lembram um montão

de minhocas coleando num tufo de ramas, uma laranja solitária é um pingo de cinábrio.

Numa canastra riem ameixas amarelas. Abrunhos e figos lampos são ondas de tinta correndo duma alcofa tombada. Pimentos ardem sôbre a pele das batatas, e a talhada duma abóbora enorme faz-nos pensar na quilha duma galera fenícia...

O poviléu escôa-se no largo em frente. Decresce o tumulto das compras.

Encobertas borboleteiam pelas tendas, arrepanhando com graça as prégas do capote, pisando com os esbeltos sapatinhos de verniz as pedras sonoras, deixando adivinhar sob o tenebroso enigma uns roliços e sensuais artelhos calçados de seda...

Escorre o sol no azul puríssimo do céu. Nem uma nuvem! O mar adormeceu, tonto de luz. O barco da lota está deserto. Nas lágeas, sôbre as redes, ao acaso, uns de costas, outros de ventre, os marítimos continuam a dormir.

Há no ambiente uma música embaladora, entorpecedora, trémula e dormente, uma esparsa melodia que em tudo vive e

de tudo nasce, uma volúpia de harém, uma preguiça oriental feita de deleitosa indolência e de fatalismo doce. É o eflúvio do clima algarvio que nós sentimos: nas línguas de fogo do ar falam os nossos avós moiros, e sôbre os plainos do oceano o sonho pode melhor desdobrar as asas largas e alongar-se até longe, até longe...

Sossegou a azáfama do càis. As bandeiras cairam ao longo das hastes, emurcheceram sorvadas pelo sol.

O branco da casaria, cega! O céu parece mais alto e mais claro... E o rumor vago, persistente, monocórdico, continua a borbulhar da vila alva: nas suas fàbricas, nos seus escritórios, nos seus bancos, Olhão trabalha e progride.

FIM

ÍNDICE

ERRATAS

Pág.	Onde se lê	Deve lêr-se
25	a cara «afogueva--se-lhe»	a cara afogueava--se-lhe
34	roubado a «cara» de macho saudavel.	roubado o ar de macho saudavel.
54	a estrada prosseguia «monte» fora,	a estrada prosseguia montes fora,
96	quem quer que seja, não duvide «de mim?...»	quem quer que seja não duvide?...
111	«colinias» sépia,	colinas sépia,
112	caía do burro «amparador» pelos braços	caía do burro amparada pelos braços
119	A coluna «roupeu»	A coluna rompeu
164	As «raias» mancharam,	As vaias mancharam,
175	«cetim»	setim.

Quanto às outras erratas que escaparam à nossa leitura, pede-se ao leitor inteligente para por si mesmo as emendar.

ACABOU-SE DE IMPRIMIR
NA EMP. INDUSTRIAL GRÁFICA DO PÔRTO, L.DA,
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,
AOS 28 DE JULHO DE 1925.